

QUANDO O CORPO SE TORNA LAR:

narrativas de
moradoras de rua
de Porto Alegre/RS



CAROLINA DATRIA SCHULZE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
LINHA DE ENSINO
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**QUANDO O CORPO SE TORNA LAR:
NARRATIVAS DE MORADORAS DE RUA DE PORTO ALEGRE-RS**

CAROLINA DATRIA SCHULZE

PORTO ALEGRE | 2018

CAROLINA DATRIA SCHULZE

**QUANDO O CORPO SE TORNA LAR:
NARRATIVAS DE MORADORAS DE RUA DE PORTO ALEGRE-RS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Geografia.

Linha de Pesquisa: Ensino

Professor Orientador: Nelson Rego

Banca Examinadora:

Professor Dr. Álvaro Luiz Heidrich (PPG Geografia – UFRGS)

Professora Dra. Cláudia Zeferino Pires (PPG Geografia – UFRGS)

Professora Dra. Janaína Becher (Laboratório Urbano – PPG-AU/FAUFBA)

Suplente externo: Professora Dra. Ana Maria Hoepers Preve (PPGE – UDESC)

Suplente interno: Professor Dr. Marcelo Câmara (PPG Geografia – UFRGS)

CIP - Catalogação na Publicação

Schulze, Carolina Datria

Quando o corpo se torna lar: narrativas de moradoras de rua de Porto Alegre/RS / Carolina Datria Schulze. -- 2018.

76 f.

Orientador: Nelson Rego.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. narrativas. 2. moradoras de rua. 3. mulheres .
4. povo da rua. 5. andança. I. Rego, Nelson, orient.
II. Título.

Para todas mulheres que guardam em seus corpos marcas de luta, resistência e sobrevivência. Em especial, para aquelas que trazem essas marcas de suas vivências da rua.

Para Leonardo, que acabou de chegar nesse mundo e que enche meu coração de esperança e amor. Que tenhas sempre um olhar gentil para as diferenças e diversidades.

AGRADECIMENTOS

Não se constrói um caminho sozinho. A construção se dá com o outro, em cada encontro, cada troca de olhar, em cada gesto compartilhado. Por isso, agradeço imensamente todos que, de alguma forma, contribuíram para minha construção acadêmica e para a elaboração dessa dissertação. Alguns agradecimentos, no entanto, merecem um carinho e uma menção especial:

Aos meus pais, por serem meus maiores incentivadores. Obrigada por me acolherem da maneira que sou. O amor que vocês sentem por mim transborda em tudo o que faço. Nunca terei palavras suficientes para agradecer todo o carinho que vocês me dedicam. Amo vocês do tamanho do universo!

À minha irmã e, agora, comadre. Obrigada por sempre acreditar em mim e sempre me proteger. Contigo aprendi, desde a infância, a importância de um abraço sincero. Tenho a maior sorte do mundo em ter minha melhor amiga dentro de casa. Amo você infinitamente!

Ao Nelson, que topou entrar comigo nessa jornada e acreditou no meu trabalho. Obrigada por me conceder tanta autonomia e por respeitar minha produção no escuro.

Aos professores da banca: Álvaro Luiz Heidrich, Cláudia Zeferino Pires, Janaína Becher e Marcelo Câmara pela leitura atenta do trabalho e por todas contribuições. Agradeço especialmente Ana Maria Preve, que impulsionou minhas primeiras andanças ao me orientar na graduação, tua presença segue sendo um grande exemplo.

À toda minha família, mas principalmente: Thiago, meu cunhado e compadre que faz a minha irmã e meu sobrinho sorrirem; Rodrigo e Juliana, que são um pouco primos e um pouco irmãos mais velhos.

E como esse trabalho faz uma reverência especial para as mulheres, não posso deixar de agradecer aquelas que foram o alicerce da minha família, minhas avós: Dona Edi Luíza, professora-militante-gaúcha que, além de leitora voraz, é a melhor companhia para um cafezinho e a contadora de histórias mais encantadora que conheço. Dona Emília (*in memoriam*), mulher forte que – além de me deixar brincar na sua horta quando era criança – educou seus sete filhos ao redor do fogão a lenha da sua cozinha, no interior gelado da serra catarinense. Duas mulheres de realidades diferentes e que construíram ao seu modo a base matriarcal das famílias Sandri Datria e Martins Schulze.

À Neila, pela escuta atenta, por receber meus devires mais íntimos e por acolher minha instabilidade. Obrigada pelas palavras ditas nos momentos certos. Mesmo com as minhas fugas

você soube conduzir de forma ética e profissional nossas sessões, o que foi essencial para a minha (re)construção. Sem isso, teria sido completamente impossível essa escrita.

Aos amigos da turma mais mágica de Santa Catarina, cada um de vocês compõe a minha constelação mais preciosa. Vocês são sempre meu refúgio nos momentos em que preciso me recompor. Agradeço principalmente: André e Jessin que mesmo à distância sempre estão presentes; Hassan e Wylliann, meus rolezeiros mais queridos; e Cazusa, pelas conversas políticas e por ter me ajudado a encontrar materiais que contribuíram para a pesquisa.

À amiga Maria Maria, flor preciosa em forma de amizade. Obrigada pelo carinho e pelas longas conversas e desabafos por telefone. Infelizmente estamos distantes fisicamente, mas é reconfortante saber que estamos sempre na torcida uma pela outra.

Às manas lindas: Luciana, Marcela, Janice, Pedro, Camila, Marcus, Rafael, Gabriela e pequeno Benjamim. Vocês são daqueles encontros bonitos que se tornam amizades incríveis.

Aos amigos e vizinhos de Porto Alegre, em especial: Laura, com quem divido apartamento; e Maria Luiza, pelas conversas regadas a muito carinho, cervejas e cafés.

E, *principalmente*, agradeço imensamente à todas as mulheres com quem cruzei nas andanças pelas ruas porto alegrenses. Obrigada por compartilharem suas histórias de vida. Vocês são pura resistência.

O que é uma mulher? Eu lhes asseguro, eu não sei. Não acredito que vocês saibam. Não acredito que alguém possa saber até que ela tenha se expressado em todas as artes e profissões abertas à habilidade humana.

Virgínia Woolf

RESUMO

Apresenta-se aqui linhas de uma pesquisa feita de processos, uma pesquisa que também é uma andança, uma andança feita de encontros e transbordamentos. A escrita aqui apresentada é o resultado desses encontros com as moradoras de rua de Porto Alegre/RS. São narrativas sobre seus corpos, suas vivências e violências sofridas. Também são (des)narrativas minhas, na medida em que me deixo transbordar pelas falas dessas mulheres e transfiro isso para a escrita. O leitor tem em mãos uma pesquisa-andança que, assim como o movimento itinerante das moradoras de rua, não é feito de pontos fixos, mas de pontos que servem para serem abandonados, pois o que importa é o caminhar.

Palavras-chave: moradoras de rua; narrativas; andança.

RESUMEN

Aquí se presenta las líneas de una investigación hecha de procesos, una investigación que también es una andanza, una andanza hecha de encuentros y desbordes. La escritura aquí presentada es el resultado de esos encuentros con mujeres sin techo que viven em las calles de Porto Alegre/RS. Son narrativas sobre sus cuerpos, sus vivencias y violencias sufridas. También son (des)narraciones mías, en la medida en que me dejo desbordar por las palabras de esas mujeres y lo transfiero a la escritura. El lector tiene en manos una investigación-andanza que, así como el movimiento itinerante de las mujeres sin techo, no se hace de puntos fijos, sino de puntos que sirven para ser abandonados, pues lo que importa es el caminar.

Palabra clave: mujeres sin techo, narrativas; andanza.

GLOSSÁRIO DA RUA

- A** *Aba* – Marquise ou viaduto que protege do sol e chuva, onde é possível armar uma cama ou mocó.
- Acharcar*– Ato de contar uma história para ganhar dinheiro.
- Adianto* (fazer um) – Roubar.
- Atraque* – Abordagem, investida policial
- B** *Barões e baronesas* – Homens e mulheres que demonstram ter dinheiro, mas que não costumam ajudar pessoas em situação de rua.
- Barraco ou barraca* – Feita de lona, madeira ou outros materiais. Muitos moradores e moradoras de rua montam barracas para viver.
- Brigadiano* – Integrante da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, equivalente ao integrante da Polícia Militar no restante do país.
- C** *Cair* – Quando alguém é detido por autoridades.
- Camelar* – Andar a pé.
- Cascuda* – Recipiente usado para comer e/ou carregar comida.
- Chinelagem* – Quando um morador de rua rouba de outro morador de rua (ver também rato de mocó)
- Colocação* – Conseguir droga.
- Correria, fazer um corre* – Rotina de afazeres.
- Coruja* – Cueca (com origem no presídio).
- E** *Enxerto* – Ação em que autoridades entregam drogas para uma pessoa e, em seguida, a acusam de porte ou tráfico.
- F** *Filmar* – Observar algo ou alguém, geralmente sem ser notado.
- G** *Galo* – Mochila ou sacola para carregar os pertences.
- Goró* – Cachaça. Bebida alcóolica.
- J** *Jéga* – Cama.
- L** *Loló* – Droga similar ao lança perfume.
- Lojinha* (trabalhar na, fazer uma) – Venda ou repasse de droga.
- M** *Madrinha* – Geralmente são senhoras mais velhas que costumam ajudar moradores e moradoras de rua com comida ou roupas.

Macaco ou macaquinho – sacos ou sacolas com comida que as pessoas deixam pendurados em árvores ou grades de casas e condomínios.

Mangueio – O mesmo que acharque

Mocó – Lugar para dormir ou se abrigar do tempo.

P *Padrinho* – Homens que costumam ajudar moradores e moradoras de rua com comida e roupas. São menos comuns que as madrinhas.

Pancadão – Cocaína diluída ou outra droga injetável. Também pode ser um ‘coquetel’ feito de diversas drogas.

Pelegrino – aqueles que não tem paradeiro fixo, também chamados de andarilhos.

Puxar cadeia – Cumprir pena em presídio.

R *Rango* – Comida, que pode ser conseguida de diversas formas.

Rato de mocó – Ladrão de cela (com origem no presídio). Na rua é usada para designar um morador de rua não confiável, que rouba outros moradores de rua.

T *Trago* – Embriagar-se. Também pode ser usado para uma dose de crack.

Trecho – Estrada, rodovia, rua.

Nota de esclarecimento: As gírias usadas cotidianamente pelo povo da rua, criam uma espécie de dialeto próprio. Como o trabalho faz uso da transcrição de algumas falas das entrevistadas, o glossário auxiliará o leitor na compreensão do significado de algumas palavras usadas. Ainda que nem todas as palavras citadas estejam presentes no corpo do texto, elas fazem parte do cotidiano das ruas, citá-las aqui é uma forma de aproximar o leitor dessa vivência.

Para facilitar a leitura: Todas palavras contidas no glossário que aparecerem ao longo do texto serão destacadas pelo efeito itálico e sublinhado.

Como foi feito: O glossário foi elaborado a partir de entrevistas com pessoas em situação de rua e também com base na edição nº 66, ano XVII do Jornal Boca de Rua, onde uma das matérias é justamente um dicionário da rua.

LISTA DE SIGLAS

ALICE – Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação

Centro POP – Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua

Ciamp-Rua – Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento da Política da
População em Situação de Rua

HCTP – Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MARGS – Museu de Arte do Rio Grande do Sul

MDS – Ministério do Desenvolvimento Social

MNPR – Movimento Nacional da População de Rua

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

GLOSSÁRIO DA RUA	9
LISTA DE SIGLAS	11
INSTRUÇÕES PARA CAMINHAR EM UMA PESQUISA-ANDANÇA	13
Cenas disparadoras	14
A feitura de uma pesquisa-andança	19
Quadro de orientação	25
PARTE I	26
Composições errantes	27
O perfil de quem vive nas ruas	28
Viver a errância	31
O corpo invisível no espaço urbano	34
Devir-mulher	38
Devir-mulher na rua	40
Sobre as (des)(na)rrativas do devir-mulher em situação de rua	44
PARTE II	49
(Des)(na)rrativas do devir-mulher na rua: sobre dobras e (re)(des)dobras	50
COMPOSIÇÕES FINAIS	67
Das feitura e (des)narrativas em mim	68
REFERÊNCIAS	71

INSTRUÇÕES PARA CAMINHAR EM UMA PESQUISA-ANDANÇA



CENAS DISPARADORAS



Eu já disse quem sou Ele
Meu desnome é Andaleço.
Andando devagar eu atraso o final do dia.
Caminho por beira de rios conchosos.
Para as crianças da estrada eu sou o Homem do Saco.
Carrego latas furadas, pregos, papéis usados.
(Ouço harpejos de mim nas latas tortas.)
Não tenho pretensões de conquistar a inglória perfeita.
Os loucos me interpretam.
A minha direção é a pessoa do vento.
Meus rumos não têm termômetro.
De tarde arborizo pássaros.
De noite os sapos me pulam
Não tenho carne de água.
Eu pertença de andar atoamente.
Não tive estudamento de tomos.
Só conheço as ciências que analfabetam.
Todas as coisas têm ser?
Sou um sujeito remoto.
Aromas de jacintos me infinitam.
E estes ermos me somam.
[Manoel de Barros – O Andarilho]

Começar.

Escrever. Andar.

O início de uma escrita é sempre o que me desestabiliza. É difícil demarcar de forma exata e precisa o começo de uma pesquisa, afinal, os começos se constroem, se desmancham e se reconstroem diversas vezes ao longo do processo. Também é difícil fazer as desmarcações daquilo que é verdadeiramente necessário para a construção de uma narrativa lógica e acadêmica. Como em uma peça de teatro, o público/leitor tem acesso apenas ao que é apresentado no palco/texto, tudo aquilo que se passa nos ensaios e coxias, a preparação dos atores e diretor, a construção de cenários e figurinos, as leituras, os primeiros rascunhos escritos, as conversas entre orientanda e orientador, a busca por entrevistas, tudo isso fica fora do alcance do público/leitor.

Nesse início de escrita, proponho um pequeno exercício de observação dos bastidores ao trazer três cenas – uma produção audiovisual e dois trechos de entrevistas – que preambulam os movimentos que resultaram nessa pesquisa. As cenas a seguir, antecedem as narrativas dessa escrita, mas fazem parte do mesmo fluxo contínuo.

No documentário dirigido por Marcos Prado (2006), acompanhamos a narrativa voraz e filosófica de Estamira, uma senhora que viveu e trabalhou no Aterro Sanitário de Jardim Gramacho no Rio de Janeiro por 22 anos. A voz de Estamira branda com força: “A Terra é indefesa. A minha carne, o sangue, é indefesa, como a Terra; mas eu, a minha áurea não é indefesa, não”¹. As imagens do documentário nos mostram o corpo de uma mulher que vive e experimenta outra dimensão. Sua voz e seus gestos lutam conta essa entidade que ela chama de Trocadilo “o esperto ao contrário, amaldiçoado, excomungado, hipócrita, safado, canalha, indigno e incompetente. Sabe o que ele fez? Mentir pros homens, seduzir os homens, cegar os homens, incentivar os homens e depois jogar no abismo”².

Em meio às montanhas de lixo e entre um misto de lucidez e loucura, Estamira vocifera sobre sua missão em espalhar a verdade sobre a condição humana para todos os homens da Terra. Para ela, o verdadeiro lixo são os valores falidos em que vive a sociedade. Nas imagens em preto e branco do documentário, os contornos do corpo de Estamira se misturam com o lixo ao seu redor. Estamira é voz, é força, é discurso. Estamira é devir puro.

Estamira, que sofria de diabetes, morreu aos 70 anos por consequência de uma septicemia. Ela foi internada por conta de uma infecção no braço, mas faleceu quando seu quadro avançou para uma infecção generalizada após dois dias aguardando atendimento no corredor do Hospital Miguel Couto, no Rio de Janeiro em 28 de setembro de 2011. É o sorriso e olhar gentil de Estamira que estampam a capa dessa dissertação e também são fotografias dela que abrem cada capítulo desse trabalho. Além dessa reverência, a editora N-1 publicou um livro baseado na película de Marcos Prado, contendo a transcrição de todas as falas de Estamira e algumas imagens retiradas de frames do filme. O livro vem embrulhado por um saco de plástico preto e resistente, como um dos tantos sacos de lixo que ceram a mulher que protagoniza as duas obras. Esse livro serviu de inspiração para a apresentação desse trabalho, cuja cópia impressa foi entregue para a banca envolto em um saco plástico preto amarrado por um barbante.

1 Transcrição da fala de Estamira retirada do documentário.

2 Idem item 2.

CENA DOIS – *Entrevista com Gringo, que fez da rua a sua escola*³

A rua, pra mim, foi uma escola. Eu não tive tempo de brincar, não tive tempo de criança. O que eu aprendi foi na rua e ela ensina muitas coisas boas e muitas coisas ruins. Claro que isso varia de pessoa pra pessoa, mas comigo foi assim. Foi na rua que eu aprendi a ser humilde, a escutar as pessoas. O que mais eu aprendi? Aprendi a usar droga, aprendi a roubar, aprendi a mentir para conseguir aquilo que eu precisava: comida, roupa, dinheiro para droga (GRINGO, Florianópolis/SC: Complexo Penitenciário, 2012. Áudio digital).

Esse depoimento é um trecho da transcrição de uma entrevista feita com Gringo, morador de rua que estava cumprindo pena no Complexo Penitenciário de Florianópolis na época da nossa conversa, em 2012. Ele foi uma das primeiras pessoas do povo da rua com quem conversei ao longo da minha trajetória como pesquisadora e até hoje suas palavras me tocam.

Durante nossa conversa, Gringo conta que fugiu de casa com oito anos de idade e, entre muitas idas e vindas de instituições normalizadoras, fez da rua a sua morada. A fala de Gringo é um relato que evidencia os traços de como ele se compõe com a rua. Ao descrever suas táticas de sobrevivência, ele também me mostra uma forma de aprendizagem embasada nas suas experiências, “suas experiências são sua vida, o que aconteceu a ele, o que ele viveu” (LARROSA, 2014, p. 47). A fala de Gringo é forte, atribui à rua o título de escola, uma escola que não se adequa ao padrão de escolarização, pois é uma escola feita da/na errância.

CENA TRÊS – *A casa-ponte de Pardal*⁴

Numa tarde fria e chuvosa na capital catarinense, estou com Pardal no consultório médico do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis (HCTP), local onde ele cumpre pena na época da nossa conversa, em 2012. Ele é de poucas palavras e possui um olhar frio, intenso. Seus movimentos são lentos, o que faz parecer que tudo acontece em câmera lenta. Antes de ser preso, Pardal morava na região serrana de Santa Catarina, exatamente na divisa dos municípios de Frei Rogério e Curitibanos. As águas do Rio das Marombas marcam a divisa dos municípios e uma antiga ponte que fazia a ligação das duas cidades era, também, a casa de Pardal. Tempos mais tarde, a ponte onde Pardal vivia e que ele chamava de casa teve sua estrutura comprometida, fazendo com que fosse construída uma nova ponte ao lado da antiga, “*uma casa nova*”, segundo ele.

3 Entrevista fez parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia. Ver (SCHULZE, 2015).

4 Idem item 3.

Enquanto ele traçava o desenho-mapa de suas casas (figuras 1 e 2), Pardal explica, com frases curtas e lentas, que utilizava uma das margens da ponte como quarto e que a margem oposta servia como cozinha. Quando ele estava na margem-quarto e queria ir para margem-cozinha, ele subia até a cabeceira da ponte, atravessava o corredor-ponte e descia até a margem-cozinha. Ali, aquele ponto específico da rodovia SC-451, era a sua casa, seu lugar de morada e de segurança. Pardal não saía dos limites das suas casas-pontes, não havia nada para ele nos arredores. Quando saiu foi preso e levado para o manicômio-judiciário de Florianópolis, onde fizemos a entrevista. Impossível olhar para uma ponte da mesma forma depois desse encontro.

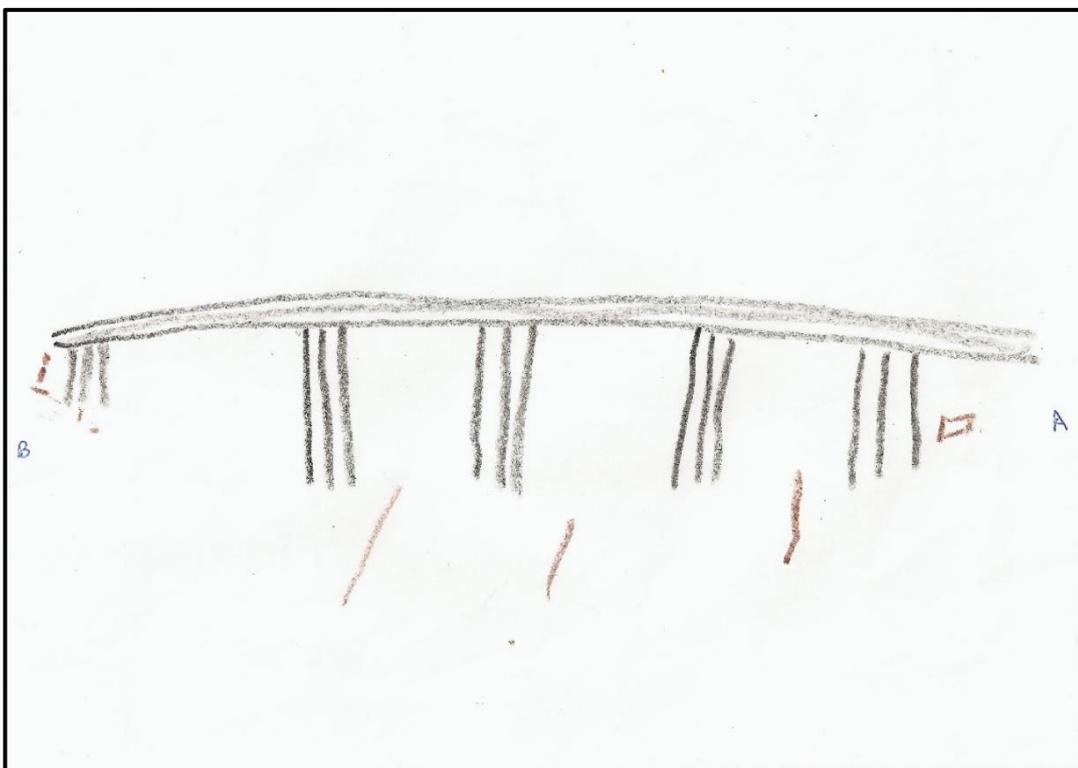


Figura 1 Desenho-mapa 01 | Casa velha | Feito por Pardal | HCTP Florianópolis/SC 2012

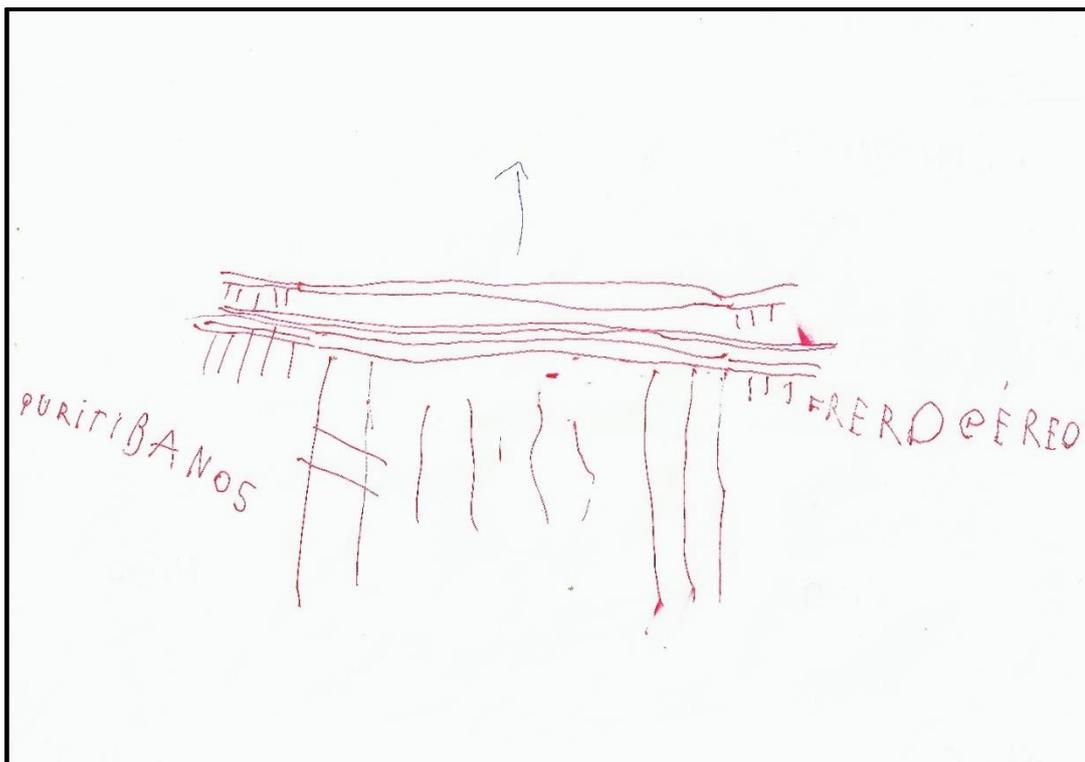


Figura 2 Desenho-mapa 02 | Casa nova | Feito por Parda | HCTP Florianópolis/SC 2012

Seguimos.

Sáímos aos poucos dos bastidores para enfim começar a caminhar em direção as narrativas dessa dissertação.

Nosso cotidiano urbano nos leva a percorrer os lugares sempre da mesma forma, olhando as mesmas coisas em uma velocidade arrebatadora, “o espaço tornou-se um lugar de passagem, medido pela facilidade com que dirigimos através dele ou nos afastamos dele” (SENNETT, 2001, p.17). Nessa velocidade não é possível ver os detalhes de uma cidade, topografias de vida são anuladas e as forças capazes de nos causarem atravessamentos acabam se esvaindo em meio a urgência do tempo. Cidades se parecem cada vez mais iguais, o que nos leva ao questionamento: “[...] o quanto uma cidade preserva ainda seu caráter de exterioridade, o quanto ela comporta de virtualidade, o quanto ela constitui ainda um meio a ser explorado, o quanto ela se presta, todavia a novos trajetos, a novos traçados de vida?” (PÉLBART, 2000, p. 45)

Desacelerar.

Respirar. Olhar.

Para conseguir romper o ritmo acelerado no nosso olhar, precisamos de algo que cause um incômodo, um estranhamento, só assim conseguimos extrair uma cena da homogeneidade

do olhar e conferir atenção, ver os detalhes ali contidos. Como esclarece Paulo Cesar Gomes⁵ (2013), “imagens sempre operam simultaneamente mostrando e escondendo coisas. Há, irremediavelmente, uma desigual atitude face ao fenômeno visual. Vemos somente aquilo que retiramos do fluxo contínuo do olhar” (p.31). As cenas disparadoras nos ajudam a romper com o movimento turbilhonar da velocidade urbana, fazendo aparecer outras paisagens, outras cidades, outras narrativas de vida. Assim, as cidades e suas topografias invisíveis tornam-se possíveis de serem vistas

Estes disparadores nos aproximam de outras geografias possíveis. Geografias compostas por vidas marcadas por violências e abandonos. São essas geografias, feitas de resistência e sobrevivência, que me tocam e me colocam em movimento de pesquisa. “Ao tocar algo, somos também por ele tocados, vemos algo, mas simultaneamente podemos também ser vistos enquanto o vemos. Essa reversibilidade nos transforma sempre em sujeitos/objetos na vida” (GOMES, 2013, p. 35). Na busca por novos traçados de vida é preciso ir além do olhar, é preciso ver a rua em todas as suas potencialidades. É preciso nos deixar ser tocados pelas vidas que ali habitam.

A FEITURA DE UMA PESQUISA-ANDANÇA



Um método de tipo rizoma é obrigado a analisar a linguagem efetuando um descentramento sobre outras dimensões e outros registros

[Deleuze e Guattari – *Mil Platôs*]

A natureza do movimento em espiral desta pesquisa volta muitas vezes ao ponto de partida

[Edgar Morin – *O método 4: As ideias*]

Começar uma pesquisa é como iniciar uma viagem ser ter definido um destino prévio. Embarco nessa nova viagem tendo em mãos apenas uma mala (feita de fragmentos de devires

⁵ Paulo Cesar da Costa Gomes, geógrafo, doutor em Geografia pela Sorbonne – Université de Paris IV (1992).

que carrego comigo) e um mapa ainda em branco (que deve ser preenchido com aquilo que ainda está por vir).

Minha bagagem de pesquisadora começou a ser feita durante a graduação em geografia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Foi nesse período, a partir do encontro com a professora Ana Maria Hoepers Preve⁶, que comecei a direcionar meus estudos na construção de outras cartografias possíveis – cartografias essas que não estavam relacionadas com a rigidez dos mapas cartesianos. Também foi no tempo da graduação, enquanto bolsista de Iniciação Científica, que o interesse por questões envolvendo a população que vive nas ruas se tornou mais latente em meus estudos, tornando muito natural conciliar esses dois temas, cartografias e moradores de rua, em um estudo que culminou no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

O processo da monografia, entre os diversos trajetos e encontros vividos, foi marcado, sobretudo, por dois momentos/movimentos particulares. O primeiro começou em 2012, quando entrevistei pacientes-internos do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis (HCTP). Através de suas falas, noções de aprendizagem e sobrevivência passaram a ter um único corpo. Suas memórias me fizeram perceber que uma cidade comporta, na verdade, inúmeras cidades particulares. Seus mapas de traços tremidos romperam as paredes do hospital-prisão e me levaram até a rua vivida por eles antes de serem presos.

O segundo movimento ocorreu com a aproximação daqueles que viviam na atual condição de habitar a rua. Em 2015, segui para a cidade de Joinville-SC, onde me dirigi ao Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP). Através do contato com educadores e usuários do serviço social, pude compreender a heterogeneidade cultural e identitária dos habitantes das ruas. Entre conversas informais e entrevistas, a importância das mochilas, *galos*⁷ e *mocós* na construção de um lugar para si no espaço urbano passou a ter outro significado.

Minha monografia é um marco, um ponto de chegada e também de partida, que estabelece os atravessamentos dados pelo encontro da minha própria vivência com as vivências dos sujeitos que encontrei no HCTP e no Centro POP de Joinville. Esses atravessamentos ainda vibram em mim de alguma forma e, sem eles, o ponto que me encontro hoje nessa andança não seria o mesmo ou não teria o mesmo sentido. Uma pesquisa não é um fluxo contínuo e estático, mas sim um movimento atravessado constantemente por diversas oscilações. “Um começo

⁶ Ana Maria Hoepers Preve, professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina. Licenciada em Biologia, mestre e doutora em educação.

⁷ Os termos que aparecerem ao longo do texto destacadas pelo efeito itálico e sublinhado fazem parte do glossário.

sempre está ligado a outros. Não há um ponto que defina onde uma ideia começa e termina” (PREVE, 2013, p. 259). Sem dúvidas, essa dissertação é um desdobramento de um movimento que me acompanha há muitos anos, ainda que as experiências, objetivos e vivências sejam outros, ela – a dissertação – segue o mesmo movimento que iniciei na graduação.

Tomando as palavras de Jorge Larrosa⁸ (2014, p. 18), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Essa pesquisa surge das minhas experiências e também das experiências narradas por quatro mulheres que habitam as ruas de Porto Alegre/RS, ela se dá no acompanhamento dos processos que essas experiências e encontros estão inseridos – por isso esse trabalho deve ser visto como um todo e não pode ser dividido por etapas de um método positivista ou cartesiano.

É preciso esclarecer que esse trabalho não está pautado em quer produzir resultados e representações de objetos. Essa pesquisa traz consigo o desejo de um caráter mais inventivo, que se busca a *produção* de dados e não a mera *coleta* deles. “Mais do que um método de criação, é uma maneira de estudar suas linhas de composição, movimentações e múltiplas entradas que envolvem um campo problemático” (ZORDAN, 2014, p. 123).

Ressonando com o que foi dito, autores como Eduardo Passos, Virgínia Kastrup, Paola Zordan e Laura Pozzana de Barros⁹, instigados principalmente pelas discussões apresentadas por Deleuze e Guattari, mostram uma alternativa aos métodos cartesianos e positivistas. Esses autores discutem e elaboram um modo de fazer pesquisa que chamam de método cartográfico. É importante deixar claro que o método cartográfico está vinculado com uma forma de fazer pesquisa e não com a cartografia enquanto produtora de imagens e mapas.

No contexto da ciência moderna, as etapas da pesquisa – coleta, análise e discussão de dados – constituem uma série sucessiva de momentos separados. Terminada uma tarefa passa-se à próxima. Diferentemente, o caminho da pesquisa cartográfica é constituído de passos que se sucedem sem se separar. Como o próprio ato de caminhar, onde um passo segue o outro num movimento contínuo, cada movimento da pesquisa traz consigo o anterior e se prolonga nos momentos seguintes. O objeto-processo requer uma pesquisa igualmente processual e a processualidade está presente em todos os momentos – na coleta, na análise, na discussão dos dados e também na escrita dos textos (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 59).

Diferente do método da ciência moderna, o método cartográfico não visa isolar o objeto das suas conexões com o mundo e das suas articulações históricas, o objetivo desse método é

⁸Jorge Larrosa Bondía, professor de Filosofia da Educação na Universidade de Barcelona. Licenciado em Pedagogia e em Filosofia, doutor em Pedagogia.

⁹ São todos pesquisadores que investigam processos nas áreas de saúde, educação, cognição, clínica, grupos e instituições, dentre outros, enfrentam muitas vezes, na escrita de seus projetos, dificuldades em dar conta do item consagrado ao método. Juntos, organizaram dois livros que apresentam pistas sobre o método da cartografia onde trabalham com uma forma de fazer pesquisa que prioriza o processo e não às regras e protocolos.

justamente desenhar a rede de forças na qual o objeto ou fenômeno está inserido (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 57). Essa metodologia é dada pela “processualidade [que] se faz presente nos avanços e nas paradas, em campo, em letras e linhas, na escrita, em nós” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 73).

Quando se faz esse tipo de pesquisa, em que os caminhos a serem percorridos são múltiplos e diversos, corremos o risco de não fazer uso de um método único para toda pesquisa. Cada momento e cada percurso da pesquisa é atravessado por um conjunto de experiências e possui suas próprias peculiaridades e produz seus próprios significados. Uma pesquisa com essa característica mutável traz transformações também para o modo como se faz a pesquisa ao longo do processo da própria pesquisa. Os processos da pesquisa também podem modificar seus modos de fazer. É preciso estar atento para os movimentos que a pesquisa nos leva para poder identificar e respeitar esses outros modos de fazer. Ao compreender a processualidade da pesquisa e respeitar os traços e caminhos percorridos, entendo que uma pesquisa é como um caminhar constante, uma andança:

Uma andança consiste em caminhar, perder-se entre pulsações, construir moradias provisórias ou fictícias, criar conexões nas franjas dos territórios, percorrer o invisível. Fazer uma pesquisa/andança é viajar por suas cartografias, recolher coisas pelo caminho e perde-las ou abandoná-las em seguida, é trabalhar com aquilo que nos surge, com o que tem em mãos (SCHULZE, 2015, p. 15).

Fazer uma pesquisa-andança é entender que o processo de pesquisa é feito de caminhos e desvios. No entanto, quando se trata de uma pesquisa que aborda a população de rua, entender a pesquisa como uma forma de andança é ainda mais significativo. O ato de caminhar é o mais constante e habitual entre as pessoas que vivem nas ruas, pois caminhar é um ato de sobrevivência para esses sujeitos: é preciso caminhar para buscar comida e água, caminhar em busca de abrigo, caminhar para *manguear*, caminhar para arranjar um *goró* ou uma droga, caminhar para recolher material reciclável, caminhar para vender algum produto (jornal, doce, artesanato). Nesse contexto, chamar essa pesquisa de andança é muito mais do que um mero adorno textual, é uma forma de reverenciar essa ação tão significativa para essa população. O presente trabalho, portanto, é apenas mais um ponto de parada na minha andança/pesquisa, e também outro ponto de partida.

Minha pesquisa-andança, assim como o caminhar itinerante das moradoras de rua, também não pretende ser constante. Em alguns momentos me afastei dos processos que envolvem a pesquisa, parei em alguns pontos, segui em outros, abandonei algumas questões e escolhi outras. “A processualidade se faz presente nos avanços e nas paradas, em campo, em

letras e linhas, na escrita, em nós. A cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em processos, em obra” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 73).

Dito isso, é importante apontar que houveram mudanças significativas ao longo dessa pesquisa-andança, mudanças essas que foram acolhidas de bom grado por se mostrarem mais coerentes com o traçado percorrido. No projeto inicial, o principal objetivo era criar, em conjunto com as mulheres moradoras de rua de Porto Alegre, uma cartografia que desse conta de apresentar a cidade vivida por elas. No entanto, ao decorrer da pesquisa, esse objetivo se mostrou totalmente vazio de sentido, uma vez que os mapas elaborados se tornariam totalmente obsoletos no instante seguinte de suas confecções, afinal, trata-se de traçados de mulheres que vivem em constante deslocamento. Ainda que a proposta fosse a de construir uma cartografia pouco ligada à Cartografia Cartesiana, a própria forma como as entrevistas acabaram se desdobrando não comportava a ideia da feitura de mapas feitos por essas mulheres.

Penso ser importante frisar essa mudança, uma vez que é totalmente natural dentro do processo de pesquisa-andança que alguns encontros acabem se tornando forçados e é preciso que o pesquisador-andaleço esteja atento para as alternâncias originadas pelo movimento da pesquisa. Identificar quando algo não cabe na bagagem de uma pesquisa-andança é muito importante, pois dessa forma é possível se desfazer daquilo que é excedente para abrir caminho para possibilidades outras.

A princípio, idealizei que o campo onde iriam ocorrer todos os encontros e entrevistas seria nas reuniões de pauta do Jornal Boca de Rua, um jornal feito por moradores de rua da cidade com a colaboração de voluntários e da Agência Livre para a Informação, Cidadania e Educação (ALICE). No entanto, o caminho que foi seguido de fato surgiu a partir de um encontro inusitado com uma moradora de rua no centro histórico de Porto Alegre. Com exceção desse primeiro encontro – em que a entrevista ocorreu quase de forma espontânea, quando fui abordada por uma mulher em situação de rua que me pediu uma caneta emprestada – todos os outros foram feitos com abordagens diretas nas ruas porto alegrenses. O relato desses encontros será descrito com maior riqueza de detalhes na Parte II dessa dissertação. Nesse momento, apenas cabe dizer que estabeleci algumas regras, uma espécie de roteiro a ser seguido, consistindo em: **observação**, **aproximação** e **entrevista**. Isso foi necessário para garantir minha própria segurança, uma vez que não contei com a ajuda de um facilitador/intermediário e estava sozinha em todas as abordagens.

A **observação** foi o processo mais longo e exigiu um olhar atento da paisagem urbana. Fiz dois tipos de observação, no primeiro, caminhei pelas ruas da cidade atenta para presença

de moradoras de rua e também para a existência, indícios ou resquícios de *mocós* e *barracos*. No segundo – feito principalmente no Centro Histórico, Rodoviária e no bairro Cidade Baixa – sentava em bancos, praças, parques ou cafés e observava a movimentação das pessoas, buscando identificar possíveis entrevistadas. Quando percebia que o ambiente era seguro e que a possível entrevistada não estava acompanhada, tampouco aparentava agressividade ou estar alterada, fazia a **aproximação** – um momento sempre muito delicado e que me trazia muita ansiedade. Para um primeiro contato, busquei formas de abordagem que possibilitassem maior desprendimento das entrevistas. No momento em que sentia segurança e uma abertura vinda pela possível entrevistada, me apresentava como aluna e pesquisadora de Geografia da UFRGS, explicando os motivos para eu estar ali e perguntava se ela aceitaria conversar comigo sobre suas vivências morando na rua, assim, dando início a **entrevista**. Sempre foi esclarecido que elas poderiam abdicar da entrevista a qualquer momento e que não seriam identificadas por seus verdadeiros nomes. Com exceção do primeiro encontro, que ocorreu em maio de 2017, todas entrevistas aconteceram durante o segundo semestre de 2017. É preciso salientar que esse tipo de abordagem direta envolve riscos que não podem ser negados, nesse sentido, a principal prioridade sempre foi minha própria segurança, de modo que a qualquer sinal de risco à minha integridade as observações e abordagens foram sumariamente abandonadas.

Importante dizer que as entrevistas não tiveram a pretensão de serem feitas em um formato formal ou padronizado, elas aconteceram na forma de conversas mais informais, garantindo que as participantes estivessem à vontade, por esse motivo, não foi feito o uso nenhum tipo de gravador de áudio e/ou imagem. Os registros das falas e observações foram feitos em um diário de campo logo após os encontros. Esse processo de escrita das anotações é importante pois “essas anotações colaboram na produção de dados de uma pesquisa e têm a função de transformar observações e frases captadas na experiência de um campo em conhecimento e modos de fazer” (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 70). Além disso, assim como Truman Capote em ‘A Sangue Frio’, creio que “a anotação e a gravação prejudicam o tempo dedicado à observação dos personagens e do ambiente, e intimidam os entrevistados[...]” (CAPOTE, 2003, p. 428). Ainda que a estratégia adotada tenha como desvantagem a dependência da memória, correndo o risco de algumas lembranças surgirem apenas depois de um tempo do fato ter ocorrido ou ainda a perda de detalhes ou da sequência cronológica, penso que esse é o melhor modo para poder me dedicar a participação e observação livre.

A escrita que segue é o que resultou dos encontros com quatro moradoras de rua de Porto Alegre. São narrativas sobre seus corpos, suas vivências e violências sofridas. É preciso

percorrer a pesquisa como quem percorre a rua. É preciso caminhar pela pesquisa como quem caminha pela cidade. É preciso deambular pela própria andança. Deixar-se perder-se no meio.

Escrever.

Caminhar.

Andarilhar.

E assim, seguimos...

QUADRO DE ORIENTAÇÃO

Viajar.

Caminhar.

Perder-se.

Pessoas que habitam as ruas caminham muito. As distâncias e trajetos variam, mas o ato de caminhar é sempre constante. Os pés são, notoriamente, o meio de locomoção por excelência do povo da rua e “são igualmente a marca mais evidente de sua situação de rua, de exposição corporal, e da subtração material e social que caracteriza suas vidas” (FRANGELLA, 2009, p. 105). Trago nessa pesquisa a vontade que fazer dela um processo de andança, uma deriva onde o texto tem movimento das memórias e das narrativas. Esse é o quadro de orientação sobre as partes que compõem essa pesquisa-andança:

Parte I: Serve como o aporte teórico para as narrativas que vem na sequência. É preciso que o leitor esteja atento, pois, as conexões teóricas com a Parte II devem ser feitas pelo próprio leitor.

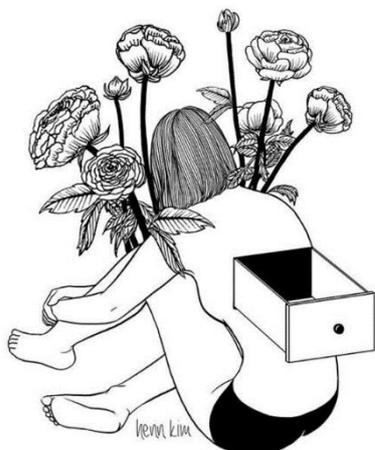
Parte II: Sobre as narrativas das mulheres que moram nas ruas de Porto Alegre e sobre (des)narrativas minhas ao longo desse processo.

Composições finais: Algumas considerações sobre as feitura e (des)narrativas que ainda vibram em mim.

PARTE I



COMPOSIÇÕES ERRANTES



Compor preenchendo e organizando um espaço desorganizado, ou espaço vazio, com uma visão qualquer *a priori*, um plano, um esquema. E compor tecendo um território como se tece uma linha de fuga, como quem foge.

[Silvio Ferraz – Livro das Sonoridades]

Entender a vivência errante do povo da rua é algo extremamente complexo devido sua condição derradeira de exclusão social, além da diversidade cultural e identitária que envolvem seus grupos. O objetivo desse trabalho é trazer as narrativas de algumas mulheres que vivem nas ruas de Porto Alegre e que, de alguma forma, cruzaram meu caminho. São narrativas sobre seus corpos, suas vivências e violências sofridas. Também são (des)narrativas minhas, na medida em que me deixo transbordar pelas falas dessas mulheres e transfiro isso para a escrita. Para que o entendimento das narrativas e (des)narrativas seja efetivo, é preciso que o leitor esteja atento para algumas composições teórico-conceituais que antecedem essas (des)(na)rrativas.

É o pesquisador que inicia o jogo e estabelece a regra do jogo, é ele quem, geralmente, atribui à entrevista, de maneira unilateral e sem negociação prévia, os objetivos e hábitos, às vezes mal determinados, ao menos para o pesquisado. Esta dissimetria é redobrada por uma dissimetria social todas as vezes que o pesquisador ocupa uma posição superior ao pesquisado na hierarquia das diferentes espécies de capital, especialmente do capital cultural (BOURDIEU, 2003, p. 695).

Fazer uma entrevista já é um processo invasivo, fazer uma entrevista com uma mulher da rua é ainda mais invasivo. Por estarem na rua, essas mulheres já vivenciam constantes situações de invasão de suas intimidades e seus corpos. Durante as entrevistas, tentei conduzir a conversa da forma mais atenta e respeitosa possível, dentro das minhas limitações de lugar privilegiado. Minha intenção foi de exercitar a escuta, fazendo o mínimo de interferências possível. Procurei transpor isso também para escrita, optando por não interromper suas narrativas com discussões teóricas. A Parte II dessa dissertação é, portanto, um espaço inteiro composto por (des)(na)rrativas – **apenas** delas. Essa escolha é uma tentativa de dar corpo –

mesmo que seja um corpo escrito – para suas vivências. É um espaço de escuta, um espaço para ouvir o que elas têm para dizer sobre a rua.

O presente capítulo é o capítulo que precede esse espaço de escuta, pois isso, trago aqui algumas das composições teóricas que me auxiliaram ao longo dessa pesquisa-andança. Nessa Parte I do trabalho, o leitor irá encontrar algumas reflexões que devem corroborar para o entendimento do complexo universo que envolve pessoas em situação de rua. O leitor deve estar atendo para esses apontamentos quando ler a Parte II.

O PERFIL DE QUEM VIVE NAS RUAS



Não são números que moram embaixo de pontes, não são porcentagens que darão visibilidade às múltiplas cidades invisíveis, não são mapas cartesianos que irão mostrar as linhas de força que tecem as aprendizagens de rua.

[Carolina Datria Schulze, 2015]

A maior parte das pesquisas censitárias realizadas têm como ponto de partida o domicílio e, por isso, encontram dificuldades em abordar um segmento populacional que, por sua natureza, não habita residências e possui o deslocamento como uma das suas principais características.

Em 2007, um levantamento feito pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), percorreu 71 cidades do país e contabilizou 31.922 adultos morando em ruas ou albergues. O levantamento abrangeu um conjunto de 71 cidades brasileiras, desse total, fizeram parte 48 municípios com mais de 300 mil habitantes e 23 capitais, independentemente de seu porte populacional. Entre as capitais brasileiras não foram pesquisadas São Paulo, Belo Horizonte e Recife, que haviam realizado pesquisas semelhantes em anos recentes, e nem Porto Alegre, que solicitou sua exclusão da amostra por estar conduzindo uma pesquisa de iniciativa

municipal na época. Os dados da época mostravam uma estimativa de mais de 50.000 pessoas morando em vias públicas ou albergues no Brasil¹⁰.

Analisando estudos mais recentes, relatório de 2016 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), estima-se que existam 101.854 pessoas em situação de rua no Brasil. Deste total, estima-se que dois quintos (40,1%) habitem municípios com mais de 900 mil habitantes e mais de três quartos (77,02%) habitem municípios de grande porte, com mais de 100 mil habitantes. Por sua vez, estima-se que nos 3.919 municípios com até 10 mil habitantes habitem 6.757 pessoas em situação de rua, (6,63% do total). Ou seja, a população em situação de rua se concentra fortemente em municípios maiores, sobretudo na região sudeste. O relatório também aponta que houve uma solicitação por parte do Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento da Política Nacional para a População em Situação de Rua (Ciamp-Rua), ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para que a população de rua fosse incluída no Censo de 2020. Ainda de acordo com o relatório do IPEA, o IBGE teria realizado um pré-teste como etapa preparatória no município do Rio de Janeiro em 2014, que apontou diversas dificuldades em incluir essa população no próximo censo. A maior dificuldade observada pelo IBGE foi a exigência de metodologias de amostragem, logística de campo e abordagem do entrevistado bastante distintas do padrão usualmente utilizado pela instituição. A falta de dados quantitativos oficiais não é uma exclusividade brasileira, ocorrendo em outros países em que a base censitária está vinculada exclusivamente às pessoas com moradia fixa.

Em Porto Alegre, o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UFRGS realizou um estudo quanti-qualitativo envolvendo o povo da rua no ano de 2016. O estudo, intitulado “Cadastro e mundo da população adulta em situação de rua de Porto Alegre/RS”, teve seu questionário respondido por 1.758 pessoas em situação de rua, sendo 1.502 homens (85,7) e 242 mulheres (13,8%). O estudo conseguiu fazer o levantamento dos aspectos gerais da população de rua porto alegre e ainda trouxe um comparativo com dados obtidos em anos anteriores (2007 e 2008).

Um aspecto interessante dessa pesquisa foi que ela contou com a colaboração direta de pessoas em situação de rua no seu desenvolvimento (estruturação dos instrumentos metodológicos de pesquisa, revisão, mapeamento dos locais e dos serviços existentes utilizados pela população de rua, abordagens de campo, análise dos dados, além de curso de formação). Essa colaboração contou com representantes do Jornal Boca de Rua e do Movimento Nacional

10 Número retirado da cartilha de Perguntas e Respostas: Centro POP. Cf. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (2011).

da População de Rua (MNPR), principalmente no processo de trabalho de campo, atuando como facilitadores.

Os dados obtidos com essa pesquisa apontam para um perfil populacional formado majoritariamente por homens (85,5%), que nasceram em Porto Alegre ou na região metropolitana da capital gaúcha (59,1%), tendo mais de 35 anos (61,4%), com filhos (75,9%) e que possuem o ensino fundamental incompleto (57,4%). A maioria dorme cotidianamente ou prioritariamente em lugares improvisados, que oferecem algum tipo de risco e possuem forte exposição ao ambiente natural (52,1%). Entre os principais motivos que os levaram a viver na rua, foram citados o uso/abuso de álcool/drogas e situações de instabilidade familiar. De modo geral, boa parte da população (42,5%) sustenta ter alguma formação profissional, inclusive, alguns dos entrevistados afirmaram possuir mais de um curso de qualificação. Sobre a renda, 38,2% afirmam ter ganho mensal de até meio salário mínimo¹¹. Quando se trata da parcela que possui estudo, 69,8% afirma ter renda mensal de até um salário mínimo. O questionário contemplou ainda uma pergunta específica para as mulheres em idade reprodutiva, acerca da ocorrência de abortos. Entre as 74 mulheres que responderam essa questão, 29 afirmaram que já tiveram pelo menos um aborto.

É válido salientar que esses números são apenas uma especulação, pois a característica nômade dessa população torna imensamente difícil conseguir dados precisos sobre o povo da rua. Os levantamentos existentes geralmente levam em conta cadastros obtidos em instituições de saúde e assistência social ou são feitos em regiões metropolitanas, onde os conflitos que envolvem essa população são maiores e mais evidentes. No entanto, não são todos os indivíduos que vivem nas ruas que fazem uso das instituições de saúde e assistência social, assim como existe uma parcela da população de rua que não vive nos centros urbanos, como é o caso de andarilhos e trecheiros que deambulam pelas estradas.

Ainda que a análise quantitativa não seja o foco principal desse trabalho, penso ser importante trazê-los para o texto como forma de contextualizar e traçar um panorama geral sobre o que se tem de conhecimento sobre essa população. Afinal, é com base nesses dados e nesse perfil que o Estado cria políticas públicas e que instituições (públicas, privadas ou religiosas) constroem aparelhos que atendem a população que vive nas ruas. Se as demandas são feitas com base em um perfil majoritariamente masculino, é evidente que algumas questões próprias da realidade feminina acabem sendo negligenciadas.

¹¹ Necessário lembrar de ter como referência o salário mínimo em vigor na época, ou seja, R\$ 880,00 reais.

Por isso, ainda que seja difícil a obtenção de dados, é importante que exista um esforço para conhecer e reconhecer essa população. Ademais, é preciso ressaltar que se não houver um diálogo efetivo entre o poder público, instituições e o povo da rua, nenhuma ação política irá, de fato, trazer alguma melhoria para o problema social e habitacional que envolve os sem-teto urbanos. Também é importante esclarecer que, na formação e criação dessas ações, a autonomia desses sujeitos deve ser respeitada na medida em que existem aqueles que não querem sair das ruas. Se as informações não levarem em conta as singularidades do universo complexo que envolve o povo da rua, elas só irão corroborar com uma imagem já estigmatizada das pessoas que vivem nas ruas. A ordem deve ser diálogo e escuta. As pessoas mais qualificadas para dizerem algo sobre a realidade do habitar as ruas é o povo da rua. É preciso ouvi-los.

VIVER A ERRÂNCIA



A possibilidade de um outro mundo nunca ocultou os outros do mundo, invisíveis e incalculáveis, com os quais ela [a geografia] não acaba de se haver, cabendo-lhe decidir, a cada vez, se os subjugará, se obstruirá sua passagem ou se com eles fará as mais potentes alianças, aquelas que mudarão completamente a natureza de nossas práticas

[Ana Godoy, 2013]

Pés descalços, roupas aos farrapos, barba comprida, um cigarro na boca sem alguns dentes. Essa é a imagem do andarilho que fala sobre Deus e espíritos, e que carrega uma sacola, feita de lona preta, com seus pertences. O andarilho percorre o manto negro do asfalto de uma estrada qualquer do país. Somente ele é o dono do seu rumo. Esta é a descrição das cenas iniciais do documentário *Andarilho* de Cao Guimarães (2007). Filmado no nordeste de Minas Gerais, o documentário mostra a fusão entre homem e lugares de passagem, homem-paisagem. As cenas seguem e nos mostram estradas cruzadas por três andarilhos que, ora movendo-se em busca de um lugar para dormir, para se lavar, para preparar uma comida, ou uma ida em direção a um bar, sempre caminham porque caminhar é o que é preciso fazer, é o que basta ou o que

sobrou. Carros e caminhões, outras pessoas atravessam a mesma estrada ignorando a presença desses homens, como se fossem invisíveis.

O som dos carros também é constante no documentário *Casa de Cachorro*, dirigido por Thiago Villas Boas (2001) que se passa num determinado ponto da cidade de São Paulo, precisamente embaixo do viaduto da Ceagesp. Entre os ruídos de carros e latidos de cachorros, Thiago V. Boas percorre o interior das moradias de algumas das 58 famílias que, embaixo do viaduto, vivem da confecção e venda de casas de cachorro na beira da Via Anhanguera e que ali moram. A câmera de Villas Boas capta imagens carregadas dos sentimentos estampados na face de cada morador, e também é sutil ao mostrar o completo e profundo desrespeito que estas famílias sofreram ao terem suas casas, materiais e equipamentos confiscados pela Prefeitura de São Paulo em julho de 2000¹². O desamparo dessas pessoas é evidente. No terreno que antes era tomado por casas de madeira, nada sobrou.

No documentário *Andarilho*, acompanhamos o caminhar errante, a busca por comida, a busca por um abrigo. Não sabemos o contexto que levou os três homens para o *trecho*, mas em algum momento de suas vidas tudo o que lhes sobrou é o que conseguem carregar. Em *Casa de Cachorro*, vemos o desamparo das pessoas quando se veem sem mais nada, sem suas casas e materiais para o trabalho. Depois da retirada de seus pertences, só lhes sobrou o corpo e indignação justa. Eles não têm para onde ir. Cada documentário, a sua maneira, mostra diferentes formas de errância e marginalização.

Existe uma série de complexidades que envolvem o espectro do habitar a rua, no entanto, a falta de moradia e/ou a inconstância em ter um lugar para dormir é a característica que une todos nesse mesmo espectro. Por isso, por mais que o sujeito ganhe algum tipo de renda, se o dinheiro recebido não é suficiente para lhe garantir um lugar de dormida, ele pode ser considerado uma pessoa em situação de rua. A condição de estar na rua e sobreviver apenas com aquilo que ela oferece também é um fator que define essa situação.

A heterogeneidade cultural e identitária entre os grupos que habitam as ruas é evidente. Trecheiros, peregrinos, andarilhos, moradores de rua ou, ainda, indivíduos em situação de rua. Há ainda aqueles que, mesmo nas situações mais adversas, não se considera um morador de rua. Ou aqueles que, mesmo tendo um lugar de dormida mais ou menos definido, sobrevivem da mendicância. Cada maneira de habitar a rua implica numa forma diferente de convívio e

¹² Na época, Celso Pita era prefeito de São Paulo. A desmontagem das moradias, o confisco dos materiais e ferramentas e o deslocamento das famílias repercutiram negativamente, de modo que a prefeitura acabou por autorizar o retorno dos moradores ao local. Contudo, os materiais e os instrumentos de trabalho confiscados não foram devolvidos para os seus legítimos donos.

deslocamento. Para os autores que trabalham com o tema, os termos mais utilizados são morador de rua e indivíduo em situação de rua. A diferença principal consiste que o primeiro termo diz respeito a uma situação fixa, enquanto indivíduo em situação de rua está mais relacionado com uma condição temporária. O Movimento Nacional da População de Rua (MNPR) também costuma fazer uso do termo povo da rua.

A própria utilização do termo ‘rua’ deve ser entendida de forma ampla e figurada, pois faz referência ao espaço público, mesmo que a variedade de situações se estenda a locais como garagens, albergues, centros de acolhida, prédios abandonados ou em obras. Nesse sentido, ruas, marquises, calçadas, parques, praças, pontes e viadutos tem seu sentido transformado na medida em que algumas pessoas fazem desses espaços o seu lugar de morada. São abrigos/casas feitos do rejeito, construídos com aquilo que encontram ou ganham, feitos com o que se tinha em mãos. Esses *mocós* são construídos por pessoas que tiveram sua trajetória de vida profundamente marcada por um processo de vulnerabilidade e exclusão social. Esse trabalho não pretende entrar na discussão de qual das terminologias é mais adequada, por isso, mais de nomenclatura poderá aparecer ao longo do texto.

Quem vive na rua organiza seu cotidiano através de práticas diversas, movendo-se de acordo com as oportunidades fortuitas, deslizando entre regras, limites e valores sociais. O espaço mais reservado do morador de rua é justamente a rua, todos os atos mais íntimos e banais acontecem ali, o que resulta numa completa distorção dos limites entre público e privado. “A evidência de que as fronteiras entre público e privado foram quebradas está nas ruas da cidade” (BECHLER, 2004, p.36). Simone M. Frangella¹³ (2009) aponta que “moradores de rua são tidos como “fora do lugar”, desencaixados espacial e simbolicamente porque sua visibilidade é traduzida como uma ameaça às definições normativas do espaço urbano” (p.15). Todos esses transbordamentos e distorções causados pelos gestos, percursos e ações dos habitantes das ruas, constitui o que pode ser chamado de errância ou movimento errante.

Historicamente, a errância sempre esteve relacionada com a combinação dos fatores econômicos, políticos e sociais; caracterizando a situação de rua. Frangella (2004) aponta que esse movimento errante sempre esteve presente nas cidades, desde o mundo antigo até as metrópoles contemporâneas. Ainda de acordo com a autora, a partir da Idade Média, grupos diversos que vivenciavam a situação de vagabundos, mendigos, migrantes, incapacitados e sem domicílio fixo, já se agrupavam ao redor dos feudos e buscavam ajuda da igreja. “Cada

13 Simone Miziara Frangella, antropóloga, doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (2004).

categoria possuía uma forma diferenciada de circular e de estar nas ruas. Com o passar dos séculos, esses personagens diversos foram se somando nos espaços da cidade, constituindo um conjunto dinâmico a cada experiência humana” (FRANGELLA, 2009, p. 42). Mesmo que o movimento errante nas cidades seja fruto de inúmeros acontecimentos históricos – exploração de camponeses, crises monetárias, guerras, epidemias, catástrofes naturais e mudança políticas - desde aquela época, já existia um julgamento de que a errância só era aceitável como condição passageira e não como modo de vida. Esse julgamento perpetua-se nos dias atuais.

Daí o território ser lido, memorizado e mapeado no ser devir. Na ausência de pontos de referência estáveis, o nômade desenvolveu a capacidade de construir o seu próprio mapa em cada instante, a sua geografia está em contínua mutação deforma-se no tempo com base no deslocar-se do observador e no perpétuo transformar-se do território (CARERI, 2013, p. 42).

A população que vive nas ruas constitui um grupo social marcado pela condição de pobreza absoluta e pela falta de pertencimento à sociedade formal. No imaginário urbano, são indivíduos que fazem parte do domínio do exótico, do estranho e do obscuro (FRANGELLA, 2009). Seus movimentos de errância causam incômodo e repúdio por não seguirem o padrão hegemônico, mas é justamente no encontro com esses percursos errantes que existe uma potência, uma possibilidade de explorar as várias cidades invisíveis que existem em uma mesma cidade, são cidades feitas de errância e das singularidades de sobreviver na rua.

A relação com o estranho, o viajante, aquele do qual não se sabe a procedência é determinante na compreensão da organização de uma cidade. Pois, quanto mais linear e racionalista menos se admite a presença do estranho, uma vez que ele pode espiralar a linha reta inserindo novos códigos e costumes (BECHLER, 2014, p. 21).

O CORPO INVISÍVEL NO ESPAÇO URBANO



O olhar percorre e não se fixa. Por isso, ver algo significa extraí-lo dessa homogeneidade indistinta do olhar, significa conferir atenção, tratar esse algo como especial. A diferença entre olhar e ver consiste, portanto, no fato de que o olhar dirige o foco e os ângulos de visão, constrói um campo visual; ver significa conferir atenção, notar, perceber, individualizar coisas dentro desse grande campo visual construído pelo olhar

[Paulo Cesar da Costa Gomes – O lugar do olhar]

Cinza.

Essa é a cor que define o personagem *El Chivo* no filme *Amores Perros*¹⁴.

El Chivo é um morador de rua que circula pelas ruas da Cidade do México com seus cachorros e sua carroça. Ele aparece como a representação do sujo, do poluído, do poluidor. Sujo, maltrapilho, cabelo e barba compridos e desalinhados, ambos grisalhos, roupa encardida e carcomida. Ele caminha lentamente pela cidade, as pessoas não reparam a sua presença. *El Chivo* não chama a atenção.

O enredo do filme nos mostra que *El Chivo* é um matador de aluguel ocasional. Primeiro, mata um empresário que almoçava em um restaurante. Ele caminha calmamente até a grande janela que protege a fachada do restaurante, saca sua arma lentamente, mira, atira e some despercebido no meio da multidão. Em seguida, é contratado por outro empresário para matar o irmão deste. *El Chivo* passa a segui-lo e a acompanhar seus passos, sentando-se na calçada em frente ao seu local de trabalho. O assassinato não ocorre devido a uma mudança de rumo na narrativa do matador, mas a imagem que importa aqui é a que *El Chivo* é invisível. É um mendigo na cidade, ele passa completamente incógnito e, se for pego, é dispensável.

Saindo do contexto fictício do filme e passando para a realidade das ruas.

O comportamento dos moradores de rua no espaço urbano é condicionado a sua situação de exclusão social, marginalização socioespacial e opressão do Poder Público. Nesse sentido, podemos perceber mudanças significativas em seu comportamento relacionada às ações de mudança da paisagem. Tomemos como premissa que a paisagem urbana é uma paisagem mutante, no sentido:

que ela se transforma de acordo com o comportamento da sociedade em seus fenômenos comportamentais e de mobilidade na cidade. Ou seja, (...) ela seria, por assim dizer, também a expressão das ações e do uso que é feito desse espaço, que são essencialmente – e especialmente – humanos. Assim, a paisagem também é uma manifestação humana, uma vez que a atividade humana se manifesta visualmente no espaço (PALOMBINI, 2015, p. 153)

A paisagem se transforma ao longo do dia, na medida em que as ações e atividades também se modificam. O Parque Farroupilha, a Redenção, é um bom exemplo disso em Porto Alegre. Durante o dia vemos vendedores de pipoca, pessoas caminhando, tomando chimarrão, se exercitando. As pessoas ocupam toda Redenção com as mais diversas atividades. No momento que escurece, no entanto, o Parque se esvazia e essa paisagem se transforma. A pouca luminosidade traz insegurança e medo para a maior parte da população da cidade. Para alguns moradores de rua, esse é o momento de circularem e montarem *barracos* para dormir.

¹⁴ Amores Brutos no Brasil. Direção de Alejandro González Iñárritu. México, 2000.

No centro da cidade essa transformação da paisagem também é evidente. Se o período diurno é caracterizado pelo intenso comércio e circulação de pessoas, ao anoitecer as lojas se fecham e as ruas ficam vazias – salvo alguns pontos boêmios muito específicos. Também é nesse momento que moradores de rua se concentram formando agrupamentos. Se durante o dia, moradores de rua escondem seus objetos maiores e levam consigo os de maior valor, durante a noite, eles reúnem todos seus pertences para dormir. “Desta forma, o morador de rua não só produz o seu espaço dentro da cidade, mas este tem uma expressão visual que altera a paisagem” (PALOMBINI, 2015, p. 154).

Além disso, seu corpo errante se torna difuso na paisagem urbana e acaba por se mimetizar à paisagem. Mesmo que possamos reconhecer um morador de rua por sua aparência – as sacolas, mochilas e carrinhos, o aspecto sujo, as roupas mais gastas geralmente ganhas por doação, o cheio de falta ou precária higiene – ele consegue circular pela cidade sem chamar atenção, se misturando ao restante da população. Em algumas situações, o uso de jornais e lonas, usados para se cobrir ou para montar *mocós* e barracos, faz com que se mimetizem também aos prédios e diferentes construções da cidade. Embora o morador de rua transpareça o contrassenso máximo de um sistema pautado na tríade trabalho-família-propriedade, sua condição indigna é sumariamente ignorada por aqueles ao seu redor. Ele não é útil no ponto de vista produtivo, portanto, por mais que seu corpo exista, sua existência é reduzida a indiferença e invisibilidade. “Ele transita, existe, é visível, porém, a sua existência ou não, não faz diferença alguma” (PALOMBINI, 2015, p. 157). Nesse contexto, apenas seu corpo existe, caminha, dorme, circula pela cidade. Mas sua existência é subjugada a uma anulação, pois é um sujeito não-produtivo, um sujeito inútil.

De volta ao filme *Amores Brutos*, voltamos para a trajetória de *El Chivo*. Numa das cenas, *El Chivo* está na casa velha onde mora com seus cachorros. Ele abre um álbum de fotografias e começa a folheá-lo sorrindo. Nas fotos, ele aparece ainda jovem com a esposa e filha ainda bebê no colo. Ele coloca ao lado das fotografias do álbum uma foto 3x4 que havia tirado recentemente. O contraste entre as imagens é gritante. A aparência decadente e dura da imagem recente não se parece em nada com a imagem jovem e disposta de outrora.

Em um outro trecho do filme, um policial e um empresário conversam no carro. O empresário quer contratar os serviços do matador e o policial está fazendo a mediação. É o policial que conta a história de *El Chivo* ao empresário: “Ele era professor universitário, resolveu aderir à revolução. Largou mulher e filha e foi lutar. Acabou preso; eu o prendi. Saiu

da prisão e virou isso que ele é agora. Encontrei com ele e acabei arranjando-lhe esse lugar onde mora. Daí começou a fazer uns servicinhos pra mim. Vive nessa vida”.

Mais ao final do filme, *El Chivo* muda de vida. Sua mudança é performatizada em uma sequência de cenas de transformação. Em uma noite, *El Chivo* aparece tomando banho. Em seguida ele vai para a frente do espelho e começa a cortar a barba. No meio na transformação ele para e se contempla no espelho. O corte dos pelos de seu corpo possui uma força simbólica latente. *El Chivo* termina de se barbear e corta os cabelos. A diferença já é perceptível. Ele corta as unhas do pé, as unhas da mão, coloca os óculos de grau quebrados. Coloca a camisa, a calça, amarra os sapatos, todos gastos, mas limpos. Por último, carrega uma bolsa preta a tiracolo. A imagem final é de outra pessoa.

A trajetória do morador de rua é eminentemente corporal. Não apenas porque o corpo traz visibilidade aos processos que marcam a formação desta categoria. Mas também porque, sendo o único suporte que lhe resta e que lhe é irredutível, atualiza sua possibilidade de existência e as condições atuais nas quais ela se faz. Seu corpo aparece como último território, sobre o que e por meio do qual singularizam-se as manifestações de sua experiência na cidade. Desprovidos de bens materiais, sem casa, absolutamente fora das práticas de consumo, envelhecendo na rua, corpo sujo e fétido que os mimetiza no asfalto, o morador de rua aparece como uma ameaça às definições normativas do espaço urbano e às projeções corporais idealizadas (FRANGELA, 2009, p 61)

É através do seu corpo que o morador de rua cria seus caminhos, subjetividades e sua própria resistência no espaço urbano. “O corpo é um instrumento de medida do espaço e do tempo” (CARERI, 2013, 132). A entidade física, material, social e política do corpo em situação de rua se define pela sua subtração material e simbólica. O corpo do morador de rua desorganiza a concepção de uso público do espaço urbano, tornando-se uma ameaça simultaneamente ideológica – porque sua presença desafia a própria definição de público – e física – esse corpo materializa tal ameaça (FRANGELA, 2009, p. 63).

O corpo do morador de rua não é o corpo desejado, pelo contrário, o corpo abjeto do morador de rua rompe material e simbolicamente com a idealização das práticas corpóreas urbanas. Esse corpo abjeto é um insulto, mas também um aviso. “Os habitantes de rua moldam seus corpos à uma geografia urbana que os acolhe e os repele” (FRANGELA, 2009, p. 219). Seus corpos também ficam sujeitos a todas as formas de violência, é um corpo exposto. No que tange a violência, Marilena Chauí¹⁵ (1985) aponta que ela não deve ser vista como a violação ou transgressão de normas e leis, mas elenca dois eixos para explicar o fenômeno:

Em primeiro lugar, como conversão de uma diferença e de uma assimetria numa relação hierárquica de desigualdade, com fins de dominação, de exploração e

¹⁵ Marilena de Souza Chauí, filósofa brasileira especialista na obra de Baruch Espinoza, escritora e professora emérita de Filosofia Política e Estética da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

opressão. Em segundo lugar, como a ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio de modo que, quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência (1985, p. 35).

O corpo de alguém que habita as ruas é um corpo marcado. São corpos marcados por cicatrizes visíveis e também invisíveis. A exploração e opressão econômica-socia-política é evidente. E para além da violação, existe a morte simbólica e real do sujeito. Um corpo descartável – como os rejeitos que recolhem para construir seus barracos e mocós. Quando nada mais lhe sobra, apenas o corpo lhe resta. O sujeito se coisifica. Seus corpos, vestidos de violência, se tornam suas casas. “Ou se ganha vida ou permanece morto” (GUATTARI, 1992, p.178).

DEVIR-MULHER



Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino.

[Simone de Beauvoir – O segundo sexo]

O fato dessas mulheres estarem em situação de rua já é por si uma situação de violência cotidiana em suas trajetórias de vida. Trata-se de uma exposição constante do corpo e da mente a situação das quais não se tem controle. Uma mulher que não se encontra em situação de rua e que não é vítima de violência doméstica, terá em sua casa um abrigo seguro de assédios e abusos sofridos em detrimento a sua condição de gênero. No caso das mulheres da rua, a violência ganha proporções muito maiores em função, não só da sua condição de gênero, mas também por sua condição econômica, social e por não possuir uma residência.

Ao trabalhar com a categoria mulher, não posso dispensar a necessidade de falar em algum momento sobre a questão de gênero. Isso porque gênero é um termo usado para analisar os papéis hegemônicos do masculino e feminino. Somos controlados social e domesticamente e a aparência de homem e mulher está profundamente ligada a regras de comportamento. Nas palavras de Márcia Tiburi:

Isso quer dizer que somos construídos no tempo e nossa sexualidade é altamente plástica como é a nossa alimentação, a nossa corporeidade, a nossa espiritualidade, a

nossa imagem, a nossa linguagem, a sociedade em que vivemos e, por isso, mesmo, pode ser modificada em muitos sentidos (2018, p.29)

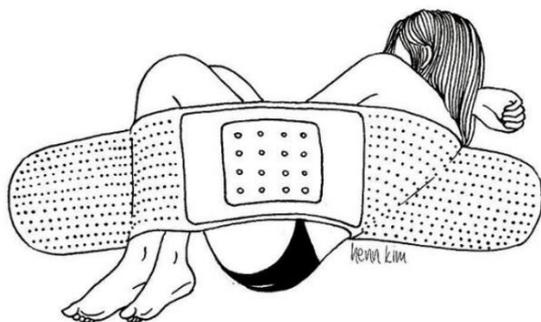
Me refiro aqui, portanto ao marcador de opressão usado marcar mulheres como o *Outro*, o negativo. “O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos ‘os homens’ para designar os seres humanos (...) A mulher aparece como negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade” (BEAUVOIR, 2016, p. 11). Faço referência, portanto, aos corpos marcados pelo signo do devir-mulher, mas especificamente, ao devir-mulher na rua. “Se pensarmos em termos de signos usados para marcar corpos, diremos que mulher é o ser marcado para servir ao mundo do privilégio patriarcal” (TIBURI, 2018, p. 66)

Historicamente, o lugar reservado para a mulher é o espaço privado do lar. Para Aristóteles, *Pólis*, a cidade-Estado, um espaço reservado para os homens; enquanto *Óikos*, o território da casa, é o espaço das mulheres, escravos e animais. O termo política tem na origem a palavra *pólis* – onde se exerce a troca de ideias e a democracia, um espaço público de encontro dos cidadãos. Da mesma forma, economia tem origem em *oikos* – lugar dedicado ao trabalho, procriação e organização da vida. Essa distinção fez com que houvesse uma separação nas esferas do público e privado e que homens e mulheres (e escravos e animais) passassem a viver mundos separados. “Essa estrutura da vida social e política grega sedimentou-se e continua como uma base inconsciente em nossa época” (TIBURI, 2018, p. 106). Nesse sentido, poderia afirmar que a mulher em situação de rua é um ser fora de lugar – mais do que um homem na situação de rua – pois não se encaixa em nenhuma das esferas, deixando-a completamente desprotegida. Ela não tem o espaço privado para se proteger e não é bem-vinda no espaço público. Quando se diz comumente: “uma mulher da rua” ou “uma mulher da viva”, logo se faz alusão de que ela seja uma prostituta, uma vadia, uma mulher que “não serve para casar”. Os corpos das mulheres já são continuamente objetificados, o corpo de uma mulher da rua acaba por se tornar um corpo-objeto-público, sem nenhum ou pouco valor.

Quando falamos de uma minoria política, como é o caso das mulheres da rua, também falamos de exclusão e de dor. Todo sujeito marcado como minoria carrega sua dor. Dor que vem do silenciamento e da violência do poder. É daí que surge a ideia que sustenta o lugar de fala, na medida em que tomar esse lugar é uma forma de autoafirmação da singularidade expressa pelo sujeito. “É preciso articular a dor, reconhece-la, coloca-la em um lugar político, aquele lugar onde o outro também está incluído como um sujeito de direitos que também tem a sua dor” (TIBURI, 2008, p. 116). O lugar de fala é também um lugar de escuta, na medida em que precisa haver um diálogo e não um silenciamento. Só dessa forma um sujeito marcado e

estigmatizado consegue expressar ser devir-político e expressar o direito de existir e se colocar no mundo.

DEVIR-MULHER NA/DA RUA



A mulher da garrafa de cerveja emerge em outros corpos, desdobrada em tonalidades heterogêneas como a luz do outono – nuances ausentes de qualquer romantismo inocente. Emerge feito cinema ou literatura que monta e desmonta fotogramas, episódios, crônicas; que clama por coautores para finalizar suas narrativas, mas sem a paz de um final conclusivo.

[Luiz Antônio Baptista – O veludo, o vidro e o plástico]

Em 2015, quando ainda estava na graduação e fazia entrevistas no Centro POP de Joinville, consegui conversar com duas mulheres que frequentavam a instituição. Elas carregavam consigo complexidades de vida distintas, mas ambas tinham uma vivência marcada por diversas violências. Trazer suas narrativas aqui é uma boa forma de introduzir as questões que permeiam o devir-mulher da rua.

Dona Ana, era uma veterana das ruas e líder de um grupo que se concentrava na Estação da Memória da cidade. Ela possuía um olhar triste, mas estava sempre sorrindo. Mesmo com os cabelos pintados de loiro, a raiz branca do cabelo acabava denunciando sua idade. Sua presença e postura de matriarca era muito respeitada por todos que frequentavam o Centro POP. Numa tarde, enquanto estávamos sentadas em um banco no pátio do Centro POP, Dona Ana me conta um pouco sobre sua trajetória na rua. Ela conta que nem sempre morou na rua, mas entre idas e vindas já se vão 15 anos – esse movimento pendular de sair das ruas e voltar é muito comum em toda a população de rua, as vezes voltam para a casa da família, outras vezes são presos ou internados. Ela foi para a rua junto com o marido e por muitos anos viveram juntos, até que ele faleceu. Ela me mostra a tatuagem do seu braço: um coração vermelho ao lado de três estrelas azuis, “*o coração é meu marido e as estrelas meus filhos*”¹⁶.

Em contraste com Dona Ana, estava Maria. Ela tinha um histórico turbulento na rua, marcado por diversos namorados violentos, abusos psicológicos e passagem pela prisão – ela estava ajudando um namorado e foi presa por tráfico. Quando a conheci ela enfrentava o momento mais conflituoso da sua vida até aquele momento, ela estava grávida de seis meses.

¹⁶Nota retirada do caderno de campo de 2015.

“Ser mulher na rua tem uma vantagem, as pessoas dão mais roupa e comida pra gente. O lado ruim é que a gente tem que ficar carregando tudo com a gente, tem muito roubo. E pra mulher é mais violento também, tem que ficar se cuidando sempre. Agora que tô grávida então, não consigo nem correr pra fugir”¹⁷. O pai da criança vivia nas ruas também e a abandonou quando soube da gravidez, agora era só ela e a criança. Ela me conta que sempre teve um namorado que a protegeu na rua, mas que quando estava sozinha buscava abrigo no guarda-volumes da rodoviária, onde o guarda-noturno deixava ela passar a noite mais segura. Conversamos numa sala do Centro POP enquanto ela esperava atendimento da assistente social, ela me mostrou o ultrassom que mostrava que estava esperando uma menina. Maria também estava acompanhada de quatro sacolas cheias de roupas de bebê, “tem mais ainda, mas deixei lá no guarda-volumes da rodoviária, o guarda meu amigo deixou que eu guardasse lá. É muita coisa pra ficar carregando agora, mais a barriga”. O grande conflito que ela estava vivendo naquele momento é que teria que sair das ruas para não perder a guarda da criança quando ela nascesse, “o pessoal aqui do Centro POP tá tentando me colocar num albergue pra mulheres e crianças que estão assim na minha situação, mas não quero ir pra lá, é muito cheio de regra. Por isso tô tentando voltar pro Rio Grande do Sul, onde tá minha família. Agora vou ter que procurar um emprego pra poder alimentar minha filha, não quero perder ela”¹⁸.

As questões que levam um indivíduo a adotar espaços públicos como moradia são os mais diversos, podendo variar entre abuso de álcool e drogas, violência doméstica, desemprego, perda de uma pessoa querida, desilusão amorosa, assalto na chegada de uma nova cidade, ou até mesmo algum transtorno mental. As mulheres que vão para a rua saem do contexto doméstico e familiar por diversos motivos, mas o fator mais recorrente em suas falas é a violência doméstica (FRANGELLA, 2009 e TIENE, 2004). Nesses casos, o ambiente doméstico é tão hostil que a rua pode ser uma forma de fuga ou pedido de socorro. “Abrigar-se na rua pode ser um exílio, pode ser uma defesa de agressão, porque a rua é o lugar de todos” (TIENE, 2004, p. 21). “Há ainda as que vão para as ruas com seus conjugues e, muitas vezes, separam-se deles. Várias são idosas e estão na rua em função da quebra de laços com parentes, ou o abandono dos filhos. E, por fim, a dependência de álcool e drogas constitui outro dos motivos” (FRANGELLA, 2009, p. 148).

Independentemente dos motivos, mulheres que vivem nas ruas são constantemente submetidas a violências que aparecem em abundância em suas narrativas. As violências

17 Idem 19.

18 Idem 19

relatadas são abusos de todas as ordens, variando desde agressões, estupros, intimidações, até retirada dos filhos.

Violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror. A violência se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos. Na medida em que a ética é inseparável da figura do sujeito racional, voluntário, livre e responsável, tratá-lo como se fosse desprovido de razão, vontade, liberdade e responsabilidade é tratá-lo não como humano e sim como coisa, fazendo-lhe violência (CHAUI, 1998).

No Brasil, de forma geral, informações oficiais sobre a violência sofrida por mulheres são subnotificadas e muitas temem denunciar o agressor, em se tratando de mulheres que vivem nas ruas, a falta desses dados é ainda mais notória (ROSA; BRÊTAS, 2015). Como forma de sobrevivência e proteção, elas acabam construindo uma rede de relações que assegure viabilidade no seu cotidiano, mesmo assim, expressões de afeto, sexualidade e intimidade ocorrem de forma muito intensa, opressora e conflituosa (FRANGELLA, 2009). Não raro, o corpo acaba virando moeda de troca ou fonte de renda. “Mulheres mantêm a submissão sexual em troca de proteção e pagam muito caro por isso. Seus corpos revelam traços de ‘utilidade-obediência’” (TIENE, 2004, p. 156).

A questão da maternidade também é algo recorrente em suas falas e, frequentemente, vem acompanhada de relatos de separação dos filhos ou do medo evidente que a separação ocorra. Não é raro essas mulheres perderem a tutela do filho pela falta de moradia. O processo da perda dos filhos para o Conselho Tutelar pode se repetir várias vezes, com filhos de pais diferentes, e é mais comum entre as mulheres mais jovens. No caso das mulheres mais maduras, que são a maioria, há uma certa intencionalidade em continuar nas ruas, mesmo que relatem com pesar os casos de violência, desconforto e saudade dos filhos. Quanto as mulheres mais maduras, a maioria não vive sozinha, “normalmente possuem um ‘marido’ para as relações de afeto, de amor e de entrega sexual ou apenas como forma de troca pela proteção. Não existe a etapa do namoro na rua, o que justifica as aspas na palavra marido” (BORTOLI, 2013, p. 5).

Izalene Tiene¹⁹ (2004) trata a questão de gênero referindo que as mulheres em situação de rua desconhecem o ambiente acolhedor e protetor doméstico, na medida em que enfrentaram abusos tanto no ambiente a que foram acostumadas e socializadas, quanto no ambiente hostil da rua. Na maioria dos casos, a rua é vista como uma tentativa de fuga pelas mulheres. Por outro lado, a rua é um lugar comum para os homens, que já reconhecem ali um espaço de busca

¹⁹ Izalene Tiene é mestra em Serviço Social pela Universidade Católica de São Paulo/SP (2000). Atualmente é colaboradora do Centro de Investigação Social e Solidária aos Movimentos Populares.

pela sobrevivência. A questão de gênero e classe social são categorias importantes na compreensão da forma como esses sujeitos vivenciam as expressões de desigualdades nas suas relações socioculturais e econômicas. A mulher em situação de rua é exposta no espaço público ao mesmo tipo de submissão existente no ambiente doméstico domiciliar. Constantemente, os grupos ou seus companheiros atribuem as mulheres – pelo simples fato de serem mulheres – as tarefas domésticas de seus barracos e mocós – cozinhar, limpar, cuidar das crianças.

De acordo com Frangella (2009, p. 150-151), as táticas de sobrevivência mais comuns entre as mulheres, duas se destacam: a primeira delas ocorre quando estão em locais mais fixos, onde acabam assumindo o papel doméstico. Ao reorganizar seus laços de dependências nas ruas, aceitam uma postura de parceiras dóceis, fiéis, prontas às práticas sexuais. Elas também exigem que os homens com quem estão sejam seus provedores. Procuram satisfazer, por fim, suas próprias demandas sexuais, amorosas e de segurança. A segunda tática é marcada pelas mulheres que escolhem o circuito da solidão. Elas optam por ficarem sós e transmitem essa opção corporalmente, lançando uma postura extremamente combativa, forte e agressiva, mais próxima do que se entende enquanto signo-masculino do que signo-feminino.

Ainda que menos comum, uma outra prática de segurança transcorre quando algumas mulheres deliberadamente negligenciam a higiene pessoal como uma forma de proteção. A sujeira do corpo somada ao odor forte, criam uma espécie de escudo que repele possíveis violências físicas.

Um contraste significativo que se observa entre homens e mulheres de rua, é que normalmente elas despertam mais compaixão quando pedem ajuda, principalmente se estiverem acompanhadas de crianças. Elas são vistas pela sociedade hegemônica como menos ameaçadoras que os homens, que, em geral, são tidos como preguiçosos e desocupados (BORTOLI, 2013).

Tudo e todos possuem mensagens com início meio e fim. O desatino é só dela. Cenários pesados de significados sufocam a cena urbana da diferença. Encarnada na diversidade, encarnada em si mesma, sobre a ameaça de ser irremediavelmente só, perdendo a força da sua existência fragmentada, passível de ser composta ou recomposta como uma obra inconclusa (BAPTISTA, 2009, p. 103)

Outro aspecto, próprio do feminino, que possui diversos complicadores quando se vive na rua diz respeito a menstruação. Algumas instituições que atendem a população de rua acabam oferecendo absorventes, ainda assim, não é incomum que tais artigos de higiene pessoal estejam em falta. Como a população em situação de rua é formada majoritariamente por homens, as instituições acabam focando nos artigos que atendam suas demandas, fazendo com que o fornecimento de itens de necessidade feminina seja falho em alguns momentos. Além

disso, fatores como dependência química e falta de alimentação adequada podem causar alterações no ciclo menstrual ao ponto de algumas pararem de menstruar. Entre as quatro mulheres entrevistadas para esse trabalho, apenas abordei o assunto com uma delas,²⁰ que disse conseguir os absorventes com uma *madrinha* que mora nas imediações do seu *barraco*.

Enquanto pesquisadora-andaleça, percebi que o tempo corre diferente na rua em vários aspectos, um destes é o tempo que faz referência a idade. As mulheres da rua, em geral, possuem a aparência física de serem mais velhas do que realmente são. A pele exposta constantemente ao sol, o uso de entorpecentes, a alimentação pouco saudável e a baixa qualidade de água ingerida, além do constante estresse e exposição a violência, contribuem consideravelmente nesse envelhecimento precoce. Outro tempo que parece ter a dimensão dilatada é o tempo no sentido cronológico, do calendário. Apesar de algumas dizerem que tem planos para o futuro, geralmente esses planos são vagos e superficiais. Dificilmente elas fazem planos de curto prazo. A rua não permite isso. A urgência é sobreviver.

“A vida na/e da rua não permite clichê; ela é múltipla, é complexa, é lócus de conflito e contradição social; aliás, viver na/e da rua por si é uma violência e escancara a desigualdade de direitos dentro de uma sociedade” (ROSA; BRÊTAS, 2015, p. 276). O universo que envolve o habitar as ruas é predominante mente masculino e embora a vivência na rua já se apresente como uma situação complexa e marginalizada, quando se trata da minoria feminina que compõe esse universo as circunstâncias se tornam ainda mais graves. Mulheres que vivem nas ruas além de estarem numa situação de desvinculação social e econômica, também se tornam vulneráveis às circunstâncias decorrentes da sua condição de gênero – abusos físicos, psicológicos e sexuais; doenças gravidez não planejada e/ou indesejada; objetificação do corpo. Elas vivenciam uma constante situação de humilhação social em seu sentido mais amplo. Trata do sentimento de desmonte da dignidade, que surge da exigência em buscar uma forma de conservar a dignidade humana, enquanto, na verdade, esse sentimento deveria ser instintivo.

SOBRE AS (DES)(NA)RRATIVAS DO DEVIR-MULHER EM SITUAÇÃO DE RUA

²⁰ A entrevistada em questão é chamada de Dandara nesse trabalho.



Kublai Khan percebera que as cidades de Marco Polo eram todas parecidas, como se a passagem de uma para outra não envolvesse uma viagem, mas uma mera troca de elementos. Agora, para cada cidade que Marco Polo descrevia, a mente do Grande Khan partia por conta própria, e, desmontando a cidade pedaço por pedaço, ele a reconstruía de outra maneira, substituindo ingredientes, deslocando-os, invertendo-os. [...]

– Você a conhece? Onde fica? Como se chama? [Grande Khan pergunta]

– Não tem nome nem lugar. Repito a razão pela qual quis descrevê-la: das inúmeras cidades imagináveis, deve-se excluir aquelas em que os elementos se juntam sem um fio condutor, sem um código interno, uma perspectiva, um discurso. É uma cidade igual a um sonho: tudo o que pode ser imaginado pode ser sonhado, mas mesmo o mais inesperado dos sonhos é um quebra-cabeça que esconde um desejo, ou então o seu oposto, um medo. As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa.

– Eu não tenho desejos nem medos – declarou o Khan –, e meus sonhos são compostos pela mente ou pelo acaso.

– As cidades também acreditam ser obra da mente ou do acaso, mas nem um nem outro bastam para sustentar as suas muralhas. De uma cidade, não aproveitamos suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas.

– Ou as perguntas que nos colocamos para nos obrigar a responder, como Tebas na boca da Esfinge

[Ítalo Calvino – Cidades Invisíveis]

No livro *Cidades Invisíveis* de Ítalo Calvino (2002), somos convidados a conhecer diversas cidades fantásticas através dos relatos de viagem do explorador Marco Polo para o Grande Imperador Kublai Khan. No livro, Marco Polo narra vividamente cada detalhe das cidades que ele encontrou em suas explorações. Ele conta histórias sobre a cidade dos mil poços, sobre a cidade que tem cheiro de elefantes depois da chuva, também fala sobre a cidade em que o desejo já é memória, sobre a cidade que se refaz todos os dias e sobre a cidade-teia-de-aranha que fica no vazio entre duas montanhas, ligada aos cumes por passarelas, correntes e fios. As cidades são muitas e suas narrativas cativam o Imperador que se vê absorto por suas peculiaridades.

Em certo momento, Kublai Khan pergunta intrigado por que os relatos do explorador descrevem cidades de todos os cantos de seu império, mas nunca Veneza. Nesse momento, Polo sorri e responde: "E de que outra cidade imagina que estava falando? [...] Todas as vezes que descrevo uma cidade digo algo a respeito de Veneza" (p.82). Mais adiante no diálogo, o Grande Khan compreende: "portanto, na realidade a sua é uma viagem através da memória!" (p.93).

Cada relato de Marco Polo para Kublai Khan é também uma viagem pelos cheiros, sons, cores, sensações e emoções que as cidades – ou seria a cidade? – evocam na memória do narrador. Em *Cidades Invisíveis*, Calvino consegue transformar a perspectiva de cidade em um retrato complexo, sensível e inesgotável da própria existência humana. O quanto somos modificados pela cidade? E o quanto uma cidade é modificada por nossas percepções sobre ela? Desmontando a cidade pedaço por pedaço, ele a reconstruía de outra maneira, substituindo ingredientes, deslocando-os, invertendo-os. Uma viagem através da memória, uma viagem através dos relatos de viagem, uma viagem feita de narrativas. É isso que proponho fazer ao trazer aqui os relatos dos encontros que vivi com essas mulheres. Encontros breves e rápidos, seguindo a dinâmica temporal da rua, mas que possuem em suas falas a potência de narrativas feitas de quem vive na/das ruas de uma Porto Alegre que não é a mesma que a minha.

Inspirada pelo livro *Cidades Invisíveis*, Becky Cooper²¹ desenvolveu um projeto chamado *Mapping Manhattan* que culminou em um livro de mesmo título. Segundo Cooper (2013), seu projeto seria como uma versão literal do livro de Calvino. Ela caminhou pelas ruas nova-iorquinas com pequenos mapas em branco da ilha de Manhattan, que foram distribuídos para centenas de pessoas seguidos da seguinte instrução: *mapeie suas memórias*. Assim como Marco Polo faz relatos minuciosos para o Grande Kublai Khan sobre as cidades que conheceu do seu império, as pessoas que devolveram²² os mapas que Cooper distribuiu também contam sobre a Manhattan que conhecem através da cartografia das suas memórias. Para Cooper, “todos os mapas contam histórias. Histórias de seus cartógrafos. Histórias sobre as circunstâncias de sua criação. Histórias sobre o seu uso pretendido. Todos eles são tendenciosos de alguma forma” (COOPER, 2013, p.8, tradução minha). Cada mapa é uma narrativa de histórias, memórias e sentimentos de seus cartógrafos, e ainda que cada mapa revele uma Nova Iorque diferente, todos os mapas são composições de uma mesma cidade. “Nova York sempre vai estar bem ali, mas aquela que você conhece é *sua*. E estas pequenas cidades invisíveis são o que compõem Manhattan” (COOPER, 2013, p.12, tradução minha). Porto Alegre também sempre vai estar aqui, mas a Porto Alegre que eu conheço é minha, assim como a Porto Alegre conhecida pelas as mulheres que vivem nas ruas é delas.

Apesar do projeto inicial dessa andança ter como ideia propulsora a feitura de mapas, o próprio caminhar da pesquisa mostrou que as narrativas dessas mulheres são viagens pela memória e pelas experiências vividas em suas cidades particulares. Cada Porto Alegre vivida

²¹ Becky Cooper é uma escritora e cartógrafa americana. Formada em literatura em Harvard.

²² Junto com os mapas, Cooper entregou um envelope com o endereço da sua caixa postal para que os cartógrafos devolvessem os mapas para a autora.

possui suas próprias grafias, seus próprios contornos e traçados. Essa andança é uma composição dessas Porto Alegres, dessas grafias e traços.

Não saber orientar-se numa cidade não quer dizer muito. Mas extraviar-se nela, como se extravia numa floresta, é algo que se deve aprender completamente. Porque os nomes das ruas devem soar ao ouvido do errabundo como o ranger de ramos secos, e as vielas internas devem refletir-se para ele tão nitidamente como seus passos de montanha (BENJAMIN, 1987)

Quando fiz as entrevistas, sempre sozinha, sabia que meu tempo era curto, pois o tempo que a rua exige é outro, é o tempo da sobrevivência. O tempo da rua é dilatado, tudo ocorre de forma muito rápida e ao mesmo tempo muito lenta. É um tempo que não permite planos de longo prazo, o que importa na rua é o aqui e o agora. Como pesquisadora-andaleça também tive que me adaptar à esse tempo. Outra ressalva diz respeito às suas identidades, todas mulheres entrevistadas tiveram seus nomes verdadeiros preservados. Os nomes escolhidos para substituí-los fazem reverência a mulheres brasileiras que possuem suas histórias de vida marcadas por muita luta e resistência. Nas notas de rodapé o leitor poderá conhecer de forma muito breve quem foram essas outras mulheres. Essa é uma forma de também homenageá-las.

Ao longo do texto da parte II, cada entrevistada receberá uma cor que será utilizada para destacar suas falas e nome. A escolha pelas cores não é um mero adorno estético, é uma forma de conferir singularidade para as narrativas dessas mulheres. Minha escrita seguirá a cor padrão do texto porque fazem parte do meu processo de (des)narrativas e, portanto, são escritos que dizem respeito a experiências minhas. As falas delas terão sua própria cor, pois são fruto de vivências que não me pertencem, são escritos que contam narrativas que não são minhas.

Também foi a partir da escolha das cores para os nomes e falas das mulheres que fiz os traços do segundo embrulho²³ que protege a versão impressa desse trabalho. Esse segundo embrulho possui cinco versões – uma para cada cópia impressa para a banca – todas feitas em papel kraft, com os traços feitos em giz de cera colorido nas cores referentes a cada (des)(na)rrativa²⁴.

Ainda sobre as falas, importante lembrar que todas foram retiradas das anotações do meu caderno de campo e não contaram com auxílio de gravadores, sendo registradas em momento posterior das entrevistas. Ao transcrevê-las, procurei deixá-las tão fidedignas com a fala original de suas donas quanto fosse possível – dentro dos limites da minha memória.

Um traçado de vida é aquilo que te define, é o impulso vital, aquela força motriz que grava no espaço a tua existência. Nessa andança, me permiti deambular pela cidade disposta a

²³ O primeiro embrulho foi o saco plástico preto que faz referência ao livro sobre Estamira (ver p.13).

²⁴ Preto, azul, lilás, verde, vermelho e amarelo.

deixar que seus ritmos e traçados me atravessassem. Enquanto pesquisadora-andaleça exercitei um olhar atento aos detalhes e contrastes que encontrei na cidade. Foi isso que permitiu os encontros que tive com quatro mulheres que vivem na/e da rua. Suas falas são potentes, possuem muita força. A escrita que vem a seguir é uma composição desses encontros. São as narrativas dessas mulheres misturadas as minhas próprias (des)narrativas. Chamo de (des)narrativas pois são pontos muito específicos dentro da minha própria trajetória, da minha própria narrativa. As (des)narrativas são minhas dobras, (des)dobras, (re)dobras. A minha narrativa, a minha vivência é algo constante para mim. É como um fluxo contínuo, uma linha reta, um lago calmo e sem ondas. Entretanto, os pontos que marcam as minhas (des)narrativas são fluxos turbilhoares, uma quebra nessa linha contínua, uma grande pedra jogada no meio do lago. São devires que me colocaram em movimento, que trouxeram inquietações para mim e que fizeram uma grande marca na minha narrativa, desconstruindo o fluxo contínuo para construir outro fluxo: uma (des)narrativa.

A cidade é a realização do antigo sonho humano do labirinto. A esta realidade, sem sabe-lo, está dedicado o flâneur [...] Paisagem, é nisto que se torna a cidade para o flâneur. Ou mais exatamente: a cidade para ele cinde-se nos seus polos dialéticos. Abre-se-lhe como uma paisagem e o abarca como um aposento (BENJAMIN, 2006)

PARTE II



(DES)(NA)RRATIVAS DO DEVIR-MULHER NA RUA:

SOBRE DOBRAS E (RE)(DES)DOBRAS

Fazer uma casa e não simplesmente tomar a casa como pronta, como abstrata. No plano de composição, diferente do plano de organização, não é preciso ter estado em casa antes para poder viver nela

[Silvio Ferraz – Livro das sonoridades]

Para descobrir quanta escuridão existe no entorno, é preciso concentrar o olhar nas luzes fracas e distantes

[Ítalo Calvino – Cidades Invisíveis]

Sólo viviendo absurdamente se podría romper alguna vez este absurdo infinito

[Júlio Cortázar – Rayuela]

abre

Os bares e cafeterias do bairro Cidade Baixa exaltam um clima boêmio e juvenil. Dentre as ruas do bairro, uma se diferencia por suas luminárias do tipo globo republicano e pelas árvores que lhe conferem um charme peculiar. É primavera em Porto Alegre e o vento sopra uma brisa suave. Os carros trepidam ao passar pelos paralelepípedos do pavimento. O compasso dos passos dos pedestres se soma ao movimento dos carros. Os sons da rua parecem produzir um tipo de música, que faz tudo se mover em certa sincronia, numa espécie de coreografia. A pesquisadora-andaleça, sentada na área externa de uma cafeteria, observa curiosa a dança da rua. Há algo que chama a atenção: um compasso que destoa dessa dança ensaiada, um ritmo feito de notas muito agudas ou muito graves que parecem soar fora de contexto. Os descompassos surgem dos passos de uma mulher de vestido cinza que caminha pela calçada com passos tortos. Que mulheres é essa? Do que são feitos os seus gestos? Quais os ritmos guardados no seu corpo?

dobra

A entrevista mais inusitada e que marcou uma profunda mudança no processo dessa pesquisa-andança aconteceu tendo como cenário a Praça da Alfândega no centro histórico de Porto Alegre. A movimentação na Praça da Alfândega é sempre intensa nos dias úteis da semana, sobretudo na parte que tangencia a Rua das Andradas, onde há a maior concentração do comércio, vendedores de artesanato e ambulantes. A conversa, no entanto, aconteceu na outra extremidade da praça, na parte mais próxima do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS, onde o movimento, apesar de intenso, não é tão frenético.

Na praça, um rapaz carregava uma caixa de sapatos cheia de doces para vender, uma senhora caminhava com o seu cachorro e alguns adolescentes passavam falando alto e rindo. Escuto o som de uma flauta peruana ao fundo. Me distraio olhando as pessoas e não percebo quando alguém se aproxima. É uma mulher jovem, de corpo magro e cabelos curtos. Ela me pergunta se por acaso tenho uma caneta para emprestar. Ainda é outono, mas um vento gelado que vem do Guaíba faz lembrar que o inverno está cada vez mais perto. Procuo na minha mochila o item solicitado e entrego quando encontro. [É rápido. Já devolvo, moça.](#)

Naquela tarde específica, eu não havia ido ao centro no intuito de fazer entrevistas. Na verdade, eu ainda nem tinha a intenção de fazer as entrevistas diretamente na rua. Meu plano inicial para aquela tarde era apenas visitar as exposições os museus que ficam nos arredores da praça. Mas a feitura de uma pesquisa-andança também ocorre a partir do improviso e do inesperado, e uma pesquisadora-andaleça deve estar atenta para os acasos que nos atravessam.

Observo a mulher se afastar e ir ao encontro de três homens que estão mais afastados. Apesar do vento gelado, a única coisa que parece poder aquecê-la é uma blusa de moletom excessivamente grande para o seu corpo esguio. Suas pernas estão cobertas apenas por shorts jeans curtos e chinelos. Enquanto a observo de longe, me pergunto se ela está com muito frio. Logo ela volta carregando a caneta emprestada. Algo nela desperta em mim a vontade de conversa. Ela parece animada, tem um sorriso alegre no rosto. Antes de pegar a caneta de volta, pergunto o seu nome e se está com muito frio. [Marielle²⁵, pode me chamar de Marielle. É esse vento que gela, né? Mas semana passada tava pior, era aquele frio que parece que quer entrar na pele da gente, chega até no osso.](#) Ela diz que me achou simpática e também pergunta pelo meu nome, me apresento e digo que sou estudante de geografia da UFRGS, que faço pesquisa com o povo da rua, principalmente com as mulheres, e pergunto se ela teria vontade de conversar comigo sobre sua vivência. [Marielle](#) demonstra hesitar de início. Ela me observa em silêncio e depois até seu olhar na direção dos homens com quem conversava e, em seguida, se junta comigo no banco. Fico surpresa e feliz com o gesto. Da mesma forma que não esperava encontra-la, também não esperava que fosse aceitar meu convite. Foi a partir desse momento, quando [Marielle](#) aceitou dividir o banco e suas histórias comigo, que o caminhar da pesquisa tomou outro rumo e as narrativas tomaram conta da minha andança.

²⁵ O pseudônimo escolhido é uma homenagem para Marielle Franco, mulher negra, lésbica, da favela, defensora de Direitos Humanos, socióloga e vereadora do Rio de Janeiro (PSOL). Na noite do dia 14 de março desse ano, Marielle saiu de um debate com o grupo Jovens Negras Movendo as Estruturas, na capital do Rio de Janeiro, quando foi executada. Marielle e o seu motorista, Anderson Gomes, foram brutalmente assassinados por uma rajada de tiros disparada contra o carro onde estavam. Até o momento da entrega dessa dissertação, a investigação que apura o caso ainda não respondeu quem matou e quem mandou matar Marielle e Anderson.

Como não esperava por aquele encontro, também não havia feito nenhuma estrutura sobre as perguntas, mas sabia que precisava ser rápida. Por conta da minha experiência na época da graduação, fazendo entrevistas no Centro POP de Joinville/SC, eu tinha noção que a rua possui uma dinâmica temporal distinta. Na rua, o tempo parece dilatado, tudo acontece de forma tão rápida que acaba gerando uma vertigem que dá a falsa sensação de lentidão. Quem vive na rua tem pressa, pois está sempre em busca de algo, seja comida, abrigo, dinheiro, trabalho, bebida ou droga. Quem vive na/da rua não está ali à passeio, não há tempo para longas conversas.

(re)dobra

O cruzamento entre a Avenida Borges de Medeiros e Duque de Caxias guarda um dos cartões-postais mais emblemáticos do Porto Alegre. O Viaduto Otávio Rocha é uma obra de engenharia que data da década de 1930, servindo como leito da Rua Duque de Caxias quando cruza por cima da Avenida Borges de Medeiros. Sua estrutura impõe de arcos e pórticos é feita em concreto armado, em suas laterais foram levantadas amplas escadarias de acesso até o nível do viaduto, sustentadas por grandes arcadas, debaixo das quais existe uma série de pequenos estabelecimentos comerciais e instalações sanitárias. Toda a estrutura do viaduto remete a nostalgia de um tempo luxuoso. Nos dias atuais, a parte superior do viaduto é rodeada por prédios e bares, enquanto que os passeios embaixo das escadarias se transformaram em duas grandes *abas* que abrigam diversos *barracos* e *mocós*. Quem vive embaixo do Viaduto?

(des)dobra

Marielle é expansiva, tem a fala agitada e os gestos rápidos, é quase difícil acompanhar todas as informações que ela compartilha comigo. Ela parece sentir-se à vontade no centro da cidade, naquela praça, naquele banco. Seu agito combina com o cenário ao redor. Ela diz.. que tem a minha idade, 25 anos, e que saiu de casa ainda adolescente, logo depois que sua mãe faleceu. Ela conta que é natural do interior do estado, ela vivia em Erechim com a mãe e o padrasto, mas sofria abusos por parte dele. Com a morte da mãe, teve medo de ficar aos cuidados do seu abusador e por isso fugiu de casa aos 17 anos. **Fui pra rodoviária e comprei uma passagem pro lugar mais longe que eu conseguia com aquele dinheiro. Fui parar em Santa Maria.** Foi em Santa Maria que **Marielle** conheceu seu primeiro namorado e que engravidou pela primeira vez.

Tive dois filhos. O primeiro eu perdi. Senti uma dor muito forte na barriga e tinha muito sangue calcinha. Achei que estava morrendo. Fui pro hospital e lá me falaram que estava abortando. Eu nem sabia que tinha engravidado. Imagina! Acho que foi a droga que me fez perder, sabe? Eu usava muito *loló* na época. Após a perda do primeiro filho, ela e o namorado vieram para Porto Alegre em busca de emprego e mudança de vida, mas o namoro não durou muito tempo. Logo que chegou na capital gaúcha, Marielle conheceu seu atual namorado, é aquele ali de blusa vermelha, já faz cinco anos que a gente tá junto, ela aponta para um dos homens com quem tinha conversado logo depois de pegar minha caneta emprestada.

Três anos atrás, Marielle teve seu segundo filho que lhe foi tomado quando ainda estava na maternidade. Segundo ela, a gravidez não foi a parte mais difícil, pois ela sentia que as pessoas ficavam sensibilizadas e acabavam doando muitas coisas, o pior veio depois, quando não conseguiu sair da maternidade com o filho nos braços. Meu primeiro eu perdi e o meu segundo levaram de mim. Acho que não é pra eu ser mãe. Na hora do parto eu desmaiei, depois quando me deram alta eu perguntei do meu filho, mas ele já tinha ido pra adoção. Só levaram meu guri, assim sem mais nem menos. Lá no hospital falaram que a gente não tinha condições de cuidar de uma criança. Eu nem cheguei a pegar ele no colo, nem vi o rostinho dele. Eu nem sei onde ele está, eles não falaram. A gente tentou procurar ele, mas não deu em nada. Quando eles veem que a gente é da rua, que não tem casa não dão bola. Ela me explica que na época chegou a pedir auxílio do aluguel social junto com o namorado, mas que não receberam o dinheiro. A gente pediu o aluguel social porque sabia do risco de perder o bebê, mas nunca recebi. Me dá raiva porque tinha feito tudo direitinho, sabe? Carteirinha, tudo em dia. A gente conseguiu juntar as coisas do enxoval, tudo bonitinho. Nem usei droga pra não correr o risco de perder o bebê de novo, igual da outra vez.

Há um grande distanciamento entre a ideia de mãe construída no imaginário da maioria das pessoas e de uma mãe em situação de rua. De uma mulher com casa, supõem-se que ela já tenha todas as condições estruturais para cuidar de uma criança e isso automaticamente a torna apta para ter a guarda do seu filho. No caso das mulheres da rua, elas precisam provar que conseguem ser mães e dificilmente um juiz irá conceder a guarda de uma criança para uma mulher sem casa.

Hoje em dia, Marielle diz que não tem mais esperanças de encontrar o filho, seu único querer é saber se ele está bem. Agora não adianta mais pegar ele de volta, ele nem sabe que eu sou a mãe dele. Só queria saber se ele tá sendo bem cuidado. Depois de perder o filho Marielle

voltou a usar drogas. Pra aguentar tudo isso aqui tem que ter uma *colocação*, qualquer coisa pra dar um barato. Se não a cabeça não aguenta e tu entra na *nóia*, guria²⁶.

Pergunto como é ser mulher e morar na rua, se ela sente alguma diferença em relação com os homens. Segundo ela, as pessoas se comovem mais quando é mulher, ela percebe que quando está sozinha consegue ganhar mais coisas que o namorado, mas que sente que é mais perigoso. Já acordaram eu e meu namorado com chutes, já furaram meu homem, já levaram tudo que tinha no nosso *barraco*. Rola muita *chinelagem*, sabe? Isso tem muito. Ih! Se eu falar tudo tu não te acredita. O pior foi uma vez que acordei com um cara nojento em cima de mim. Foi horrível, não gosto nem de lembrar. A violência também vem por parte do namorado. Na sua fala é possível perceber uma característica muito comum entre as mulheres que vivem nas ruas, em que elas preferem se submeter a um relacionamento abusivo do que que estarem sujeitas à violência de desconhecidos e policiais. Já aconteceu sim dele me bater, mas ele também já se meteu em briga pra me proteger. Fiquei me sentindo toda importante. Bem no fim, a gente briga, mas se ama. Como qualquer casal, não é? Ela ri e se levanta, percebo que meu tempo com Marielle acabou. Tu é muito simpática, moça. Antes dela ir embora, ofereço a caneta que ela havia pedido emprestada antes, ela aceita ainda risonha.

Observo Marielle se afastar e ir novamente em direção do grupo, que agora conta com a presença de mais um homem. Reconheço o namorado de Marielle, como aquele de blusão vermelho que ela havia apontado antes. Percebo que ele está olhando na minha direção. Observo Marielle interagindo com o grupo de homem e depois vejo ela se afastar na direção da Rua das Andradas. Perco Marielle de vista. Levanto do banco e também sigo o meu caminho.

(re)dobra

Na Rua da República, a andaleça abandona seu caderno e jornais para observar o contraste entre passos trôpegos da mulher de vestido cinza e o movimento ritmado da rua. O cheiro do café desprende da sua xícara e se mistura com o ar da cidade. A figura esguia da mulher que se aproxima de pés descalços e com o corpo envolto apenas pelo tecido do seu vestido cinza. Ela segura a barra do vestido com as duas mãos na altura do seu ventre e não demonstra se importar em estar mostrando a intimidade do seu corpo. Seu andar não segue uma linha reta e contínua, mas algo em sua postura transmite a sensação de afronta e desafio que toma conta da calçada. Seguindo a coreografia da cidade, algumas pessoas desviam da mulher de vestido cinza de forma brusca, outras são mais sutis nessa ação, e ainda tem aqueles que

²⁶ Expressão regional que significa menina.

parecem firmes no alinhamento dos seus passos. Do que são feitos seus desvios? Quantas linhas seus passos já percorreram? Qual o cheiro dos traçados dos seus mapas?

(des)obra

Rodoviárias são lugares de ampla circulação e que concentram os mais diversos tipos de pessoas. Não é raro encontrar pessoas em situação de rua circulando por ali e a Rodoviária de Porto Alegre confirma isso. Como tenho família fora da capital gaúcha e costumo viajar de ônibus para visita-los, minhas idas à rodoviária não são raras. Quando tomei a decisão de fazer as abordagens de entrevista de forma direta, passei a frequentar a rodoviária também como pesquisadora-andaleça. Algumas vezes fui para a rodoviária apenas com a intenção de fazer entrevistas. Outras, quando tinha uma passagem marcada, chegava com muito tempo de antecedência para o embarque e aproveitava esse período de espera para fazer possíveis entrevistas²⁷. E foi justamente num desses períodos de espera na que aconteceu meu encontro com **Margarida**²⁸, uma senhora com a pele marcada pelo sol e de olhar doce.

Eu tinha uma passagem marcada para Passo Fundo ao meio-dia e cheguei com duas horas de antecedência na rodoviária. Logo que cheguei, me sentei em um banco na parte destinada aos ônibus intermunicipais. Era uma manhã ensolarada de setembro, mas apesar de estar em pleno mês farroupilha, a rodoviária não aparentava ter um movimento fora do comum. Enquanto esperava o horário do embarque, fiquei observando as pessoas ao meu redor. Em sua grande maioria eram passageiros que, assim como eu, estavam ali apenas de passagem, num momento de espera.

Uma senhora me chamou a atenção, primeiro pela sua vestimenta. Seu corpo parecia que estava todo envolto em panos: ela usava uma saia longa volumosa, tinha algumas echarpes coloridas cobrindo seu tronco e tinha o cabelo envolto em um pano amarelo. Olhando rapidamente, ela quase parecia um personagem, um tipo divertido de caricatura de cigana. Em seguida, o que me chamou a atenção foi uma caixa de bombom que ela segurava com as duas

²⁷ Todas as observações e abordagens ocorreram durante o dia, pois não considero a rodoviária e seu entorno um ambiente muito seguro durante a noite.

²⁸ O pseudônimo é uma homenagem à Margarida Maria Alves, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, na Paraíba. Ela foi assassinada na porta de casa, em frente ao marido e filho, no dia 12 de agosto de 1983, a mando de latifundiários da região. Por mais de dez anos à frente do sindicato, Margarida lutou pelo fim da violência no campo, por direitos trabalhistas como respeito aos horários de trabalho, carteira assinada, 13º salário, férias remuneradas. Margarida dizia que “É melhor morrer na luta do que morrer de fome”. A sua luta e força inspira mulheres até os dias de hoje. A Marcha das Margaridas, que acontece a cada quatro anos em Brasília, carrega esse nome em sua homenagem. A Marcha é a maior mobilização de mulheres da América Latina. São trabalhadoras rurais, extrativistas, indígenas, quilombolas que tomam as ruas do Distrito Federal para dialogar com o governo federal sobre suas reivindicações.

mãos. Primeiro achei que ela estava vendendo doces, mas depois percebi que na tampa da caixa estava escrito *ajuda*.

Segui acompanhando com o olhar a senhora colorida coberta de panos. Apesar de estar escrito *ajuda* na tampa da caixa de bombons, ela não se aproximada das pessoas para fazer o pedido, apenas caminhava com passos lentos de um lado para o outro no longo e curvo corredor. Vi quando ela começou a se aproximar da rampa que dá acesso ao corredor de lanchonetes e lojas da rodoviária.

Olhei para o relógio do meu celular, ainda tinha um pouco menos de uma hora até o embarque. Senti uma leve tontura de ansiedade. Resolvi arriscar. Fui atrás da senhora coberta de panos e com a caixa de bombons. Quando me aproximo, a tontura se intensifica. Explico que a vi passar e que não tenho dinheiro para oferecer, mas que gostaria de ouvir sua história, caso aceite participar da pesquisa. Os olhos azuis de **Margarida** transmitem doçura e sua voz tem aquela rouquidão característica de anos de fumo. Ela olha para a minha mala. **Mas tu não vai viajar, guria? E essa mala?** Vou sim, vou visitar minha vó, mas o ônibus só sai ao meio-dia. Temos algum tempo, se você quiser. **Melhor ficar de olho no horário então, guria, não vai deixar tua vó te esperando.** Rimos e ficamos ali em pé, no meio no corredor, como duas pedras no meio de um leito de rio.

dobra

No cruzamento entre a Avenida Borges de Medeiros e Duque de Caxias, a estrutura do Viaduto Otávio Rocha se ergue com a imponência digna de um cartão-postal. O Viaduto é um símbolo arquitetônico e também um símbolo que evidencia a pobreza da cidade. A pesquisadora-andaleça caminha pelo passeio do Viaduto e em alguns momentos precisa desviar de alguns barracos montados entre os arcos de concreto. Existe um cheiro forte e azedo, uma mistura quente de suor e urina. Algumas pessoas esperam o ônibus, outras preferem circular pelo meio da rua em vez de usar o passeio público. É inverno em Porto Alegre. A andaleça sente o frio bater com força no seu rosto, enquanto olha para as pessoas sentadas nos seus colchões, enroladas em cobertores. Ela sente a vertigem da cidade invadindo seu corpo, fecha ainda mais seu casaco e acelera o passo. Quantas vidas cabem naquele passeio?

(des)dobra

Margarida se apresenta. Ela diz que nasceu perto da fronteira, mas que veio para capital ainda menina, logo depois de casar. Conta que trabalhou a vida toda como faxineira, mas que

hoje, com 63 anos, está aposentada. Em teoria, a renda de uma pessoa deveria ser capaz de bancar sua moradia, comida, transporte, saúde, educação e lazer. Se a renda é insuficiente, alguns itens dessa lista terão de ser descartados em detrimento de outros com maior prioridade. A fala de Margarida exemplifica muito bem isso. O que eu ganho de aposentadoria não dá pra pagar um aluguel. Só ganho o mínimo²⁹. Só dá pra comer. A minha filha até faz uns bicos, mas não dá pra contar com isso. Ela me explica que não consegue mais trabalhar por conta da artrite e que sua única filha, de quase 30 anos, está a quatro anos desempregada. Margarida conta que vão fazer quase dois anos que ela vive com a filha e o namorado da filha em uma barraca, apesar de também fazer uso de albergues. A gente fica na barraca, mas quando faz muito frio ou chove muito, eu e minha filha vamos pro albergue. Eu não posso ficar no tempo assim com esse meu problema. Às vezes não tem vaga, daí não tem jeito, a gente fica na barraca ou fica aqui pela rodoviária mesmo. Também tem os quatinhos, mas nesses tem que pagar.

Margarida, na sua narrativa, conta que sofreu muito com o marido violento. Eu me casei ainda guria, ele já era mais velho do que eu. Eu não queria, mas meu pai que me obrigou a casar com aquele velho borracho³⁰. Eu trabalhava o dia inteiro pra chegar em casa e encontrar ele bêbado e ainda apanhar. Tenho até cicatriz que ele deixou em mim da vez que me bateu com um pedaço de pau. Ela mexe nos tecidos que cobrem seu tronco e sinto cheiro de fumaça de cigarro. Ela indica com as mãos que as cicatrizes estão nas suas costas. Quando ele enfartou eu dei graças a Deus! Ela ri um riso sem alegria. Horrível falar isso, mas é verdade. Finalmente me vi livre daquele traste. Nunca achei que ia comemorar um velório, mas o dele eu comemorei. Deus que me perdoe! “O romantismo nas relações familiares, que são muitas vezes os mais cruéis, servem para garantir a função do casamento e da maternidade” (TIBURI, 2018, p 65). Ela ainda conta que, após a morte do marido violento, a família dele ficou com a casa onde moravam e foi nesse período que a situação financeira começou a se complicar. Margarida e a filha começaram a pagar aluguel, mas depois que a filha perdeu o emprego as contas não fechavam mais.

Se antes a violência era vivida dentro de casa, hoje ela está por todos os lados. A fala de Margarida também evidencia o fato de que a maior parte da violência vivida pelo povo da rua é feita por outros moradores de rua, seguido por policiais e ‘cidadão comum’. Já vi de tudo nessa vida, guria. O que mais tem nesse mundo é malandro e sem-vergonha. É por isso que eu não gosto desse negócio de ficar em grupo, de andar em bando. Sempre dá confusão, um pega

²⁹ O salário mínimo em vigência na época da entrevista, em 2017, era de R\$ 937,00 reais.

³⁰ Gíria regional para bêbado.

as coisas do outro, vivem se brigando. Eu fico na minha, com a minha filha, o namorado dela e só. E mesmo assim não adianta, eles vem igual. E vou te dizer mais uma coisa, anota o que vou te falar: tarado tem em tudo que é lugar, tá!? E pra eles não tem idade não. É só isso que te digo. Quando pergunto se ela costuma frequentar a rodoviária e se já sofreu algum tipo de represália por estar ali, **Margarida** diz que raramente é incomodada nesse sentido, **acho que eles veem que sou mais velha e que não vim fazer confusão, nem tô aqui pra roubar. Então eles acabam de deixando quieta.**

Margarida tem um sorriso bonito. O colorido dos tecidos que cobrem seu corpo combinam com ela. Quando pergunto o que ela mais gosta de fazer, ela me responde animada que gosta de ler. **Aprendi a ler e escrever depois de velha, mas nunca é tarde, não é? Eu guardo meus livros na barraca. Às vezes ganha, as vezes acha. Às vezes eu consigo trocar no sebo, tem uns baratinhos.** Ela me diz que seus livros favoritos são os de romance. **Eu não tive muito romance na vida. Eu gosto de imaginar que sou eu ali.** Realmente romance é algo que faltou na vida de **Margarida**. Olho pro relógio. Tenho que ir, logo preciso embarcar. **Obrigada.** Eu é que tenho que te agradecer por ter topado a conversa. **Não, menina, eu que te agradeço por ouvir.**

A conversa com **Margarida**, foi a que mais cativou. Durante nosso breve encontro fiquei encantada com sua história de vida e a força que ela carregava no olhar doce. As marcas do seu rosto faziam ela aparentar ter mais idade do que de fato tinha, cada ruga ao redor dos seus olhos me transmitiu resiliência. Foi um encontro bonito que gostaria que tivesse durado mais tempo. Ainda me cruzei outras duas vezes com **Margarida** na rodoviária: na primeira ela estava muito longe, do outro lado da rodoviária e só a vi de relance enquanto se afastava indo cada vez mais distante – ela não carregada a caixinha nesse dia. Na segunda vez ela estava mais perto e carregada sua caixinha. Nas duas vezes optei por não ir encontrá-la. Na primeira vez, realmente não havia tempo hábil, meu ônibus estava para partir e era de noite – nunca fiz nenhuma abordagem noturna por sentir ser mais inseguro. Na segunda vez, cogitei me aproximar, mas desisti. Todos os encontros que tive com as mulheres com quem entrevistei foram únicos, por isso, como pesquisadora-andaleça, decidi que deveria manter o padrão de um único encontro. Depois desses dois encontros à distância, nunca mais a vi.

(re)dobra

Na calçada da Rua da República, o olhar da mulher de vestido cinza e da pesquisadora-andaleça se cruzam em uma conversa muda, ambas sabem que há um encontro eminente. O ritmo da rua parece desacelerar, os movimentos se espicham e se alongam. Até a brisa

primaveril parece ficar mais lenta. Uma vertigem toma conta da andaleça, que desvia seu olhar para o caderno, os jornais e a xícara de café postos na sua frente. O som da cidade se torna abafado para os ouvidos da andaleça. O sentimento de um (re)conhecer incomodo se faz presente, a sensação é forte, quase nauseante. A andaleça volta a erguer o olhar no momento em que percebe a presença da mulher de vestido cinza parada ao seu lado, lhe encarando. Quais histórias elas carregam? Quais as cores que pintam seus mapas?

(des)dobra

O movimento itinerante das pessoas em situação de rua propicia e condiciona práticas sociais, tendo início no aprendizado dos mecanismos de sobrevivência. Esses mecanismos também podem ser chamados de viração, no sentido de criatividade e habilidade aprendidas na rua para obter recursos (FRANGELLA, 2010, p.35). Algumas práticas de viração que envolvem conseguir dinheiro – como o *acharque*, *mangueio* e *adianto* – são práticas necessitam a participação de outras pessoas, por isso é mais comum encontrar pessoas em situação de rua em lugares de grande circulação.

O bairro da Cidade Baixa é famoso por ser o bairro boêmio da cidade. Existe uma diversidade de bares e cafés espalhados pelas ruas. Independente do horário, o movimento de pessoas é sempre constante. Nas ruas da Cidade Baixa dá pra encontrar todos os tipos de pessoa circulando e não é difícil cruzar com alguém do povo da rua. Se você se sentar em qualquer mesa de bar em uma das calçadas, com toda a certeza será abordado mais de uma vez por alguém *mangueando* ou vendendo algo. Na rua Lima e Silva, na frente do Supermercado Zaffari, é comum encontra-los sentados ali pela frente – mesmo que o supermercado tenha colocado uma grade para evitar o acesso e permanência, algo que, aliás, é muito comum por toda Cidade Baixa.

Tentei fazer algumas abordagens em frente ao supermercado, mas tive minha proposta de entrevista negada. Quando encontrei **Maria**³¹ também achei que ela não iria aceitar conversar comigo. Me aproximei dela, que estava parada em pé ao lado da entrada do estacionamento do supermercado. Uma das suas mãos estava em formato de concha segurando algumas moedas. Quando me aproximo ela balança a mão pedindo moedas. Explico que não tenho moedas para

³¹ O pseudônimo é uma homenagem à farmacêutica Maria da Penha Maia Fernandes, vítima de violência doméstica por 23 anos. Seu marido tentou assassiná-la duas vezes: na primeira com uma arma de fogo, o que a deixou paraplégica; e na segunda por eletrocussão e afogamento. Após as duas tentativas de homicídio, ela conseguiu reunir forças e denunciou o parceiro. A história da farmacêutica deu nome para a Lei nº 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha. Ainda que o caso de Maria tenha sido o estopim para criar um meio de ajudar outras mulheres que passam por situações semelhantes, o desfecho de sua história ainda lembra a realidade de muitas de hoje: o marido da farmacêutica só foi punido 19 anos depois da denúncia.

dar, mas que tenho uma proposta para fazer, me apresento e pergunto se ela aceita conversar comigo. **E eu não ganho nada com isso?** Como das outras vezes que me fizeram essa pergunta, explico que não posso dar dinheiro em troca da entrevista. **Tu tem um cigarro?** Respondo, sem pensar muito, que sim. **Tudo bem então, ruivinha, mas tem que ser rápido.** Ela me estende a mão pedindo o cigarro.

dobra

A estrutura do Viaduto Otávio Rocha possui a imponência majestosa que se espera de um cartão-postal. Caminhando pelo viaduto, a pesquisadora-andeleça observa sua estrutura rígida. Os parapeitos das rampas e escadarias do viaduto são decorados com uma bela balaustrada. Cada passeio que ladeia a Borges de Medeiros é revestido por mosaicos de cimento e reboco de pó de granito. Encostada na balaustrada do viaduto, a andaleça olha para os passeios lá embaixo. Ela observa outras estruturas, mais frágeis que o concreto e que não aparentam a mesma rigidez do Viaduto. Colchões, carrinhos, caixas de papelão, cobertores, pedaços de madeira e plástico. O que é considerado rejeito para uns, vira casa para outros. Quem mora nas casas de papelão e barracos do Viaduto?

(des)dobra

Maria é uma mulher sorridente e agitada de 23 anos. Ela tem um corpo muito magro e uma fala muito rápida. Percebe-se que é muito vaidosa, está com o rosto maquiado e o cabelo bem preso em um coque. **A gente é podre, é da rua, mas é limpinha e cheirosinha.** Ela conta que desde os 17 anos vive na inconstância da rua. **Comecei a usar droga e meu pai me botou pra fora de casa. E sabe o que que eu tinha? Nada, não tinha nada. Tive que aprender a me virar.** Antes de ir para a rua, ela morava com os pais em Canoas, cidade que pertence a região metropolitana de Porto Alegre. Quando o pai a expulsou de casa, ela veio para a capital onde, segundo ela, tudo é mais fácil.

Ela conta que começou a se prostituir quando saiu da casa dos pais, em troca de droga, comida e abrigo. Quando não se tem mais nada, e o corpo é tudo o que sobra, ele também vira moeda de troca. Hoje, ela segue fazendo programa para conseguir pagar o quartinho que divide com o namorado. **Ele já foi meu cliente, acredita? Agora a gente começou a alugar esse quartinho. Fica perto da rodoviária, tem um monte desse tipo, mas tem que pagar por dia. É 25 pila³² por dia.** Ela conta que os dois estão tentando deixar a vida nas ruas e largar as drogas,

³² Gíria regional para designar a moeda nacional, o Real.

mas que as duas coisas são difíceis. É difícil largar a droga por causa da fissura e é difícil largar a rua por causa da liberdade. Parece que as paredes apertam a gente. Mas é muito perigoso dormir na rua e está cada vez pior. Por isso que eu quero sair.

Com a sua fala rápida, Maria conta diversas violências que viveu e também que já presenciou. Ela diz que já recebeu uma garrafada na cabeça e que precisou levar 27 pontos, que já viu companheiro da rua ser preso por *enxerto*, que já acordou com pessoas jogando balde de água na calçada onde estava dormindo, já viu um homem urinando em cima de um morador de rua que estava dormindo na calçada. Além disso Maria ainda relata dois casos de estupro. O primeiro foi um cliente, eu avisei que eu não fazia por trás e ele queria. Eu disse que não fazia de jeito nenhum e ele falou que tudo bem, mas na hora foi lá e fez. E o outro eu vou te contar porque tu parece guria direita, que não veio na maldade. Porque é de *brigadiano* de quem eu estou falando. E daí eu faço o quê? Reclamar pra quem? Não tem o que fazer. Depois eles ficam sabendo que a gente abriu a boca e vem fazer pior. E quem é que vai acreditar em mim? É, ruivinha, não é fácil.

Maria confessa que os dois estupros que sofreu foram cruciais na sua decisão de sair das ruas e parar de se prostituir. Está cada dia pior, mais violento. Não tem mais como ficar na rua. Até com os clientes eu estou parando. Por isso que estou aqui, no dia que não tem cliente tenho que pedir. Não faço mais ponto e não pego mais cara novo. Só vou com os clientes que já conheço. São todos homens mais velhos, eles são mais carinhosos com a gente. Maria me pergunta se tenho mais alguma pergunta e sorriu dizendo que não. Sei que meu tempo com ela já se esgotou. Entrego mais um cigarro para ela antes de ir embora caminhando.

(re)dobra

Na Rua da República, as duas mulheres se encaram, uma aguarda pelo próximo movimento da outra. Já não é mais possível ouvir a música da rua, o ritmo emudece. A mulher de vestido cinza ainda segura a barra do vestido na altura do seu ventre. O cheiro que ela exala é forte, quase insuportável. Com a proximidade, a andaleça percebe com certo assombro que a mulher de vestido cinza não usa calcinha e que os pelos da sua intimidade, além de expostos, também estão sujos. A postura da mulher de vestido cinza parece ainda mais desafiadora de perto. As duas mulheres estão presas em uma bolha vertiginosa de estranhamento. Do lado de fora, as pessoas e carros continuam seu vai e vem em câmera lenta. Do lado de dentro, as duas mulheres se encaram com tanta fixação que, por muito pouco, não são capazes de ler todos os

segredos mais íntimos uma da outra. E que segredos seriam esses? O que pode haver de mais íntimo nos seus mapas?

(des)dobra

Uma vez por semana, sempre nas quintas-feiras pela tarde, tenho um compromisso nas imediações do Parque Moinhos de Vento. Faço o deslocamento da minha casa, no bairro Santa Cecília, até a rua 24 de Outubro a pé, aproveitando o caminho para fazer minhas observações. Toda quinta-feira à tarde, cruzo as Avenida Goethe, uma região com muitos moradores de rua. Nos canteiros da avenida é possível ver alguns barracos e nas marquises de algumas lojas existem vestígios de mocós e jegas. No caminho, sempre observo um mesmo barraco azul e amarelo, que fica em um dos canteiros da avenida. Quando passo pela calçada, no outro lado da rua, diminuo o ritmo do passo para poder observar.

Algumas vezes o barraco está vazio, outras vejo que tem gente por ali. Sempre tem cachorros ao redor. Numa das tardes que passei por ali, o barraco estava em festa, a fumaça que saía da churrasqueira portátil chegada até a calçada por onde eu caminhava e tinha um grupo de umas seis pessoas ao redor. Depois de algumas semanas observando, consigo identificar que tem pelo menos uma mulher e que provavelmente deve ser um casal que mora ali.

Numa tarde muito quente e ensolarada de outubro, quando estou fazendo meu caminho de volta para casa, percebo que a mulher do barraco azul e amarelo está sozinha com os cachorros. Mais uma vez a tontura de adrenalina toma conta do meu corpo quando decido atravessar a rua. Quando me aproximo penso em desistir, em passar reto pelo barraco e só atravessar a avenida. Me sinto entrando na casa de alguém sem ter sido convidada. Mas não é só uma sensação, é real. Ali mora uma pessoa. Paro. Respiro fundo. Sigo em direção do barraco.

A mulher está sentada em uma cadeira de praia com os cachorros ao seu redor. Primeiro interajo com os cachorros e busco perceber pela reação da mulher se minha presença será bem-vinda. **Eles são bem tratados, dona. Mas cuida com esse pretinho, que esse morde.** Noto que o barraco é muito organizado e tem um cheiro forte, uma mistura de gordura e pó. Me apresento e pergunto se ela aceita participar da entrevista, ela acha um pouco de graça. **Geografia, é? Já apareceu jornalista, psicóloga, assistente social aqui pra falar com a gente, mas da geografia é a primeira vez.** Ela fica curiosa e aceita participar. Eu me agacho pra ficar na altura dela e os cachorros – são cinco ao todo – ficam na minha volta. **Quer sentar menina? Senta.** Pego o

banquinho de madeira que ela aponta e me sento. Ainda me sinto deslocada, mas agora me sinto menos intrusa.

dobra

No cruzamento entre a Avenida Borges de Medeiros e Duque de Caxias, a estrutura do Viaduto Otávio Rocha se ergue de forma majestosa. A pesquisadora-andaleça está acompanhada de dois amigos que estão na cidade a passeio. Eles estão num dos bares da escadaria da Borges, sentados junto à balustrada do Viaduto. De onde estão sentados não conseguem ver dos barracos e pessoas lá embaixo. É um fim de tarde agradável, vem um vento quente do Guaíba. Enquanto observam os prédios ao redor, a andaleça se dá conta que o Viaduto também é uma parábola social. Na parte de cima, as pessoas moram em apartamentos, dormem em camas confortáveis, têm um teto que as protege da chuva, paredes que protegem do frio, possuem casas com eletricidade e água encanada. Quando trancam a porta de casa podem se sentir seguros em seu lar. Na parte de baixo, as pessoas moram no passeio e não sabem se vão poder permanecer ali por muito tempo, eles precisam caminhar para conseguir tomar banho e não existem paredes que os protejam do frio, chuva e violência, eles não possuem uma casa para ser trancada por chaves. A andaleça sente uma vertigem tomar conta do seu corpo enquanto observa o céu começar a escurecer. Quem vive ao redor do Viaduto?

(des)dobra

Dandara³³ está sempre sorrindo. Seus dentes tem bastante tártaro, um dos seus incisivos superiores está quebrado. O barulho dos carros aumenta a sensação de vertigem e as vezes é difícil escutar o que ela me fala. **Dandara** não é natural de Porto Alegre, ela nasceu em Campinas/SP, mas vai fazer quase uma década que ela está na capital gaúcha. Na adolescência, quando ainda morava em Campinas, **Dandara** se envolveu em um relacionamento abusivo que durou alguns anos. **Acabei ficando com ele por um tempo porque era o pai das minhas meninas, mas chegou uma hora que tive que fugir. Ele me espancava e dizia que ia me matar e matar as nossas filhas.** Com medo das ameaças se tornarem reais, **Dandara** veio pro sul do país e deixou as duas filhas aos cuidados de uma tia que mora na capital paulista.

³³ O pseudônimo escolhido é uma homenagem à Dandara dos Palmares. Além de esposa de Zumbi e mãe de 3 filhos, liderava mulheres e homens e lutou com armas pela libertação total das negras e negros no Brasil. A maior parte da sua história é desconhecida, uma evicência do racismo e patriarcado do nosso país. Quando foi presa em 6 de fevereiro de 1694, Dandara cometeu suicídio, se jogando de uma pedreira, para não retornar à condição de escrava. Ela ainda vive em todos que lutam por liberdade.

Quando chegou em Porto Alegre chegou a morar alguns meses no Viaduto Otávio Rocha. Lá ela acabou se envolvendo em outro relacionamento violento. Ela dividia o barraco e usava *crack* e *pancadão* com o companheiro da época, quando faltava o dinheiro ele me mandava deitar com os caras pra gente ter a droga. Nessa época ela engravidou do terceiro filho, mas não conseguiu ficar com ele por muito tempo. Com medo do Conselho Tutelar retirar a guarda do filho, ela preferiu deixá-lo com a mãe do companheiro. Agora que a gente não tá mais junto, eu não tenho mais contato com meu menino, mas pelo menos ele tá com a família e não com um desconhecido. Um tempo depois do nascimento do terceiro filho, Dandara foi presa por porte de drogas. Quando acabou de cumprir a pena, conheceu o atual companheiro. Foi lá na Praça da Matriz, eu tinha acabado de sair e fui pra lá. Ele também era novo na praça e gostou de mim. Ele me levou pra tomar sorvete e depois já fui morar com ele. Ela ri. Foi a melhor coisa que já me aconteceu. Ele cuida de mim, sabe? Ele que me fez parar com a droga, mas ainda continuo tomando os meus tragos. Ele não usa nada, não sei como que aguenta.

Com a sua experiência de nove anos em situação de rua, Dandara descreve a violência que o território público impõe à mulher. Se no dia-a-dia, dentro de casa, já é difícil para a mulher, na rua é mais difícil ainda. Porque a gente chega aqui precisando de ajuda e na rua já existem os homens. A maioria quando vê uma mulher chegando nessa situação pensa que é só mais uma. Mas pra gente é diferente e muitas vezes a gente só tem o nosso corpo e eles se aproveitam disso, da nossa fragilidade. Ela lembra que assim que chegou em Porto Alegre, o corpo era a única moeda de troca que tinha. Ela também conta que já sofreu quatro estupros na rua e que só um deles nenhum foi por alguém que também vive da rua. Os outros casos foram por ‘homens comuns’ que a viram em uma situação vulnerável e também por um agente do Estado, era um *brigadiano*, estava fardado.

Ela me mostra seu *barraco*. Tem uma parte reservada para os cachorros, onde tem as casinhas e potes de água e ração. Do outro lado, protegido pela lona azul e amarela fica o colchão de casal. A gente ganha bastante coisa do pessoal que mora nos prédios. Começou com as coisas dos cachorros. Eles viram que a gente cuida direitinho deles e começaram a nos ajudar. Mas tem gente que traz comida e roupa pra gente também. Nosso colchão a gente ganhou de uma mulher que mora aqui perto, ela já trouxe roupa também. Se você quiser pode trazer alguma coisa que estiver sobrando na tua casa. Quando ela comenta da vizinhança, aproveitou para perguntar se eles nunca tiveram problemas por estarem ali. Ela diz que já ouviu gente reclamando e chamando-os de vagabundos, mas que, por enquanto, não teve nenhuma investida para a retirada deles do local. Mas a gente nunca sabe. Daqui a pouco eles podem vir e levar

tudo embora. Pergunto onde está o seu companheiro e ela me explica que ele saiu com o carrinho para juntar material reciclável, que é a fonte de renda deles. *Daqui a pouco ele aparece.*

O *barraco* também tem uma cozinha, com uma mesa grande e um fogão feito de tijolos. Vejo alguns galões com água e ela me explica que eles pegam a água no Parcão³⁴. *Aqui eu faço a comida. A gente não costuma pegar macaquinhos. Tem gente que separa direitinho, mas tem gente que bota lixo misturado na comida. Até xepa de cigarro eu encontrei uma vez, por isso, eu mesma faço. Geralmente é arroz com gordura. Às vezes, com sorte, é arroz com frango. O arroz não pode faltar nunca.* De forma implícita, *Dandara* mostra que a rua também reproduz o modelo vigente do homem no papel de provedor (é ele quem está trabalhando com o carrinho) e da mulher como um ser do lar (é ela quem está cuidando da casa e que é responsável pelo alimento).

Apesar do *barraco* estar na sombra das árvores, o calor que vem do asfalto é bastante intenso. Noto que *Dandara* se agita, ela começa a mexer em algumas panelas e *cascurdas*. Sinto uma tontura, o calor daquela tarde é sufocante. Percebo que meu tempo com ela está no fim. Me despeço de *Dandara* e dos cachorros. Algumas semanas depois, caminho pela Av. Goethe percorrendo o caminho que sempre faço nas quintas-feiras a tarde, mas o *barraco* azul e amarelo não estava mais no canteiro.

(re)dobra

O Viaduto Otávio Rocha é um emblemático símbolo de progresso da cidade de Porto Alegre. Suas características arquitetônicas, bem como sua relevância sociocultural, fizeram com que fosse tombado como patrimônio municipal em 1988. Mas algo parece estar errado no Viaduto, sua imagem não se parece com aquela mostrada nos cartões-postais. O Viaduto deve ser limpo, alguns disseram. A Prefeitura, muito atenta aos cuidados da cidade obedeceu, afinal, um símbolo da cidade não pode sofrer com o vandalismo e depredação. Prontamente, o caminhão de lixo foi encaminhado e a Brigada Militar foi junto para garantir a ordem e segurança da limpeza. E foi assim que o Viaduto apareceu limpo. Limpo de gente. A Prefeitura limpou o Viaduto, mas ela só varreu pessoas. Agora, a imagem do Viaduto está mais parecida com aquela que é mostrada nos cartões-postais. Que vidas foram varridas para debaixo do tapete?

dobra

³⁴ Parcão é como é conhecido o Parque Moinhos de Vento.

Na calçada da Rua da República, a mulher de vestido cinza aponta para o caderno e os jornais espalhados na mesa da andaleça. O diálogo que se segue é rápido: *É o Boca de Rua? Comprou todos eles? / Sim, comprei. Alguns são antigos. / Estuda o quê? / Geografia / Então conhece todas as linhas? / Linhas? Quais linhas? / É. As linhas. As alturas. / Como as dos mapas? / Isso, que aparecem nos mapas. Conhece? / Conheço algumas, mas não sei se é possível conhecer todas, são muitas. / É. / Gosta das linhas? Gosta dos mapas? /* A mulher de vestido cinza apenas encara a andaleça e sorri. A bolha de estranhamento se intensifica, fica mais densa, pesada. O devir-incômodo cobre as duas mulheres como um véu. O sorriso da mulher de vestido cinza some. Que linhas são essas? De que são feitos os traçados dos seus mapas?

fecha

COMPOSIÇÕES FINAIS



DAS FEITURAS E (DES)NARRATIVAS EM MIM



Compor é como fazer uma casa. É desenhar um lugar. Os elementos para esta operação, cada um os toma de um canto. [...] É como desenhar um espaço físico, como demarcar um território, um nicho. Algumas folhas são reviradas, alguns gravetos são quebrados, faz-se xixi em alguns cantos, espalha-se um cheiro pelas bordas do lugar, descascam-se algumas árvores, desfolha-se alguns galhos, cavam-se alguns buracos.

[Silvio Ferraz – Livro das sonoridades]

abre

No cruzamento entre a Avenida Borges de Medeiros e Duque de Caxias encontramos um dos cartões-postais mais famosos de Porto Alegre. A pesquisadora-andaleça caminha pelo Viaduto Otávio Rocha no dia seguinte da limpeza da Prefeitura. Ela caminha com calma, passos lentos. Percebe uma mancha escura no chão que se estende até a parede, devia ser um fogão ou uma fogueira. Ainda é inverno em Porto Alegre e a Avenida Borges de Medeiros parece um corredor de vento gelado. A andaleça ainda consegue sentir um resquício do cheiro quente e azedo de suor e urina, mas ela já não enxerga nenhum rastro dos colchões, cobertores e *barracos* que estavam ali. A única evidência de que ali viviam pessoas é a mancha escura do fogo. Para aonde foi toda essa gente?

dobra(re)dobra

Todo o processo que envolveu essa pesquisa-andança – principalmente a escrita – foi muito penoso para mim. Essa andança me tocou de muitas formas e me deixou muito sensível em diversos pontos da trajetória. Foi um trabalho muito emotivo. Muitas vezes foi difícil digerir a força contida das falas das entrevistadas. São falas permeadas por muita violência. O que mais me inquietou foi que as narrativas de vida dessas mulheres, seus traçados errantes, poderiam ser os meus. “Quando escolhemos nossa vida?” (TIBURI, 2018, p. 33). Em alguns momentos senti que poderia estar me olhando no espelho, enquanto conversava com elas, e isso era assombroso. Nenhuma dessas mulheres escolheu estar na condição de viver na/da rua. Nenhuma delas decidiu deixar seus corpos a mercê de violências. Em algum momento, tudo se

desmanchou e a vida as levou para a rua. Poderia ter sido o meu desmanche, a vida poderia ter me levado a estar no mesmo lugar que elas.

Se embarcar em uma pesquisa é como embarcar em uma viagem, então é preciso lembrar que “a viagem, de fato, é uma ocasião para ampliar os cinco sentidos: sentir e ouvir vivamente, olhar e ver com mais intensidade, degustar ou tocar com mais atenção – o corpo abalado, tenso e disposto a novas experiências, registra mais dados que de costume” (ONFRAY, 2009, p.49). Enquanto pesquisadora-andaleça, me permiti vivenciar essa experiência de pesquisa-andança em toda a sua intensidade, tentando absorver ao máximo todos os atravessamentos que surgiram, me emocionando com cada encontro, com cada fala.

Escolhi trabalhar de um modo em que o gesto não desaparecesse. Pois ele é uma pegada, um rastro que na maior parte das vezes não se deixa apreender pela racionalidade. Escapa também, quase sempre, às tentativas de inscrição na linguagem. É um resto que não se apreende e daí provém a sua potência in-forme. (BECHLER, 2004, p. 14)

Talvez ocorra de alguém dizer que esse tipo de pesquisa não seja científico o suficiente ou que esse tipo de escrita não é próprio da Geografia. Talvez essas pessoas estejam certas. Muitas vezes também duvidei da minha capacidade enquanto pesquisadora e quanto geógrafa. Mas também é preciso lembrar que “depois que os sentidos se expandem – ao longo da viagem, da pesquisa, da vida – impossível voltar atrás. Essas mudanças põem em movimento algo que por vezes a Geografia enjaula numa única questão, abreviando os sentidos do espaço, do lugar, da vida” (SCHULZE, 2015, p.91). Não quero abreviações. Não vejo sentido em fazer um trabalho onde não posso me deixar levar, me deixar sentir e me emocionar. Preciso ser verdadeira comigo e com minha forma de olhar o mundo e a vida. Optei por uma escrita mais sensível, de modo que possa sensibilizar – de alguma forma – aquele que lê essas narrativas. Também optei por uma escrita mais simples, sem grandes adornos, de modo que seja acessível e compreensível para qualquer um que leia esse texto – sendo ou não geógrafo, sendo ou não um acadêmico. Dentro dos muros universitários ouve-se muitos discursos sobre quebrar os muros acadêmicos para acessar a sociedade, mas vejo poucas práticas efetivas nesse sentido. Essa escrita foi minha experiência em levar as vivências dessas mulheres para o mais longe possível. Foi uma tentativa de quebrar os muros acadêmicos, de fazer com que qualquer pessoa que tenha chegado até aqui na leitura possa olhar para essas mulheres – e para o povo da rua como um todo – de forma mais gentil. É preciso que essa andança caminhe em qualquer direção.

Relembro as palavras de Ana Godoy (2013), que sempre me ajudam desses momentos:

Talvez essa perspectiva não cativasse tanto e nem todos os geógrafos, mas, com certeza, exprime a potência da geografia na sua relação com os não geógrafos e com modos de pensamento que são, eles mesmo, os antípodos de abordagens mais confortáveis –

e assim a geografia se encontra com a filosofia, a música, a literatura, a pintura (p. 221)

Já vivemos em uma sociedade plastificada demais, padronizada demais, esterilizada demais. Eu acredito que é preciso ter um olhar sensível, principalmente quando tratamos de questões que envolvem o outro. E, em um contexto atual, um ano de eleições em que a própria liberdade e democracia foi posta em jogo, um ano em que vimos tanta propagação de preconceitos e tanto ódio ser disseminado, é fundamental que pratiquemos esse olhar. Precisamos lembrar do sensível. Precisamos trazer esse sensível para os nossos trabalhos, práticas e vivências. Nossos corpos são políticos, nossos corpos são resistência, e em tempos de ódio a sensibilidade também é uma forma de ser/fazer política e ser/fazer resistência.

O termo “luta” nos diz de um bom afeto, de algo que nos anima, inspira, instiga. Luta é ação do desejo que nos politiza. Luta é nome próprio da ação política, ela mesma uma ação poética, no sentido de criação de uma obra. Ao mesmo tempo, o termo luta está no mundo da vida (TIBURI, 2018, p.53)

Retomo à metáfora da peça de teatro que usei no início dessa escrita. Nesse momento, a cortina do palco/texto se fecha e o público/leitor começa a sair da imersão da peça/teatro, levantando-se lentamente e aos poucos se retira da sala/leitura. Se antes das cortinas se abrirem o clima era de ansiedade e euforia pelo desconhecido, agora o sentimento que toma conta é um misto que inquietação e dever cumprido. Outra vez, público/leitor não tem acesso ao que acontece nos camarins e coxias quando a cortina/dissertação se fecha.

dobra(des)dobra

Na calçada da Rua da República as duas mulheres se encaram em silêncio. Em seguida, a mulher de vestido cinza se vira e vai embora, sem dizer mais nada. Em um fragmento de instante, a pesquisadora-andaleça se sentiu suspensa, tomada por uma sensação de completa paralisia, como se os passos trôpegos da mulher de vestido cinza também levassem embora a sua própria errância. O vento primaveril ainda trouxe um resquício de cheiro azedo. O ritmo da rua deixa a letargia vertiginosa e volta a correr com normalidade. Os passos dos pedestres se somam à oscilação dos carros e todos retornam para a coreografia da rua. O devir-incômodo permanece, mais leve agora, mas ainda nauseante. A andaleça percebe que o rosto da mulher de vestido cinza já começou a perder os contornos em sua memória. As duas mulheres seriam capazes de se reconhecerem na multidão? Quais linhas formam o contorno de um rosto? Esses contornos cabem em um mapa?

fecha

REFERÊNCIAS

Referências Bibliográficas

BAPTISTA, Luiz Antonio. **O veludo, o vidro e o plástico: desigualdade e diversidade na metrópole**. Niterói: EdUFF, 2009.

BARROS, Manoel. **Livro sobre nada**. São Paulo: Editora Record, 1996

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016

BECHLER, J. Caminhos da cidade: a lei nas passagens/ o exterior nas passagens. In: REGO. N.; MOLL. J.; AIGNER. C. (Org.) 1. ed. **Saberes e práticas na construção de sujeitos e espaços sociais**. Porto Alegre: UFRGS, 2006. p. 87-96.

_____. **Labirintos: mapas invisíveis da cidade**. 2004. 95 f. Dissertação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Porto Alegre. 2004.

BORTOLI, S. R. Elas e nós: a representação de mulheres em situação de rua nas notícias jornalísticas. In: CONGRESSO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 6., 2013. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2013.

BOURDIEU, Pierre. Compreender In: BOURDIEU, P.(Org.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2007, p.693- 732.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAPOTE, Truman. **A sangue frio: relato verdadeiro de um homicídio múltiplo e suas consequências**. São Paulo: Companhia das Letras. 2003.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

CHAUÍ, Marilena. **Participando do debate sobre mulher e violência**. Em *Perspectivas Antropológicas da Mulher* (pp. 25-62). Rio de Janeiro: Zahar.

COOPER, Becky. **Mapping Manhattan: A love (and sometimes hate) story in maps by 75 New Yorkers**. New York, USA: AbramsImage. 2013.

FERRAZ, Sílvio. **Livro das sonoridades [notas dispersas sobre composição]** – um livro de música para não-músicos ou de não-música para músicos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

FRANGELLA, Simone M. **Corpos urbanos errantes**: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2009.

GODOY, Ana. Mídia, Imagens, Espaço: Notas sobre uma poética e uma política como dramatização geográfica. In: **Grafias do espaço**: imagens na educação geográfica contemporânea. Campinas, SP: Alínea, 2013. p. 209–234.

GOMES, Paulo C. da Costa **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 1992.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem**: poética da geografia. Porto Alegre: L&PM, 2009.

PALOMBINI, Leonardo. **Dos subespaços ao território descontínuo paradoxal**: os moradores de rua e suas relações com o espaço urbano em Porto Alegre/RS – Brasil. 2015. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Porto Alegre, 2015

PELBART, Peter Pál. **A vertigem por um fio**: políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 2000.

PREVE, Ana Maria H. Perder-se: Experiência e aprendizagem. In: CAZETTA, Valéria; OLIVEIRA JR., Wenceslao (orgs.). **Grafias do espaço**: imagens na educação geográfica contemporânea. Campinas, SP: Alínea, 2013. p. 257–277.

ROSA, A. S.; BRÊTAS, A. C. P. A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil. **Interface**, Botucatu, v.19 n.53, p. 275-285, 2015.

SCHULZE, Carolina. D. **Geografias de uma cidade não vista**: composições e cartografias andarilhas por moradores de rua. 2015. 106 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Graduação em Geografia, Florianópolis, 2015

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. 2ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

TIENE, Izalene. **A mulher moradora de rua: Entre vivências e Políticas Sociais**. São Paulo: Alínea, 2004.

ZORDAN, Paola. Das maneiras de se escrever uma pesquisa. In: **Revista Digital do LAV**. Santa Maria, vol. 7, n. 2, p. 117-130, 2014.

Cartilhas

Perguntas e Respostas: Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua – CENTRO POP. **Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Secretaria Nacional de Assistência Social**. Volume 2. Brasília, 2011.

Sumário Executivo – Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. **Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome**. Publicado em: abril 2008. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/backup/arquivos/sumario_executivo_pop_rua.pdf> Acesso em: maio 2015.

Estimativa da população em situação de rua no Brasil. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA**. Brasília : Ipea, 2016.

Cadastro e mundo da população adulta em situação de rua em Porto Alegre/RS. **Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UFRGS**. Porto Alegre, 2016.

Filmografia

BOAS, Thiago V. **Casa de cachorro** – um documentário com os moradores do viaduto da Ceagesp [Filme-documentário] Direção e pesquisa: Thiago Villas Boas. Produção: Maria Farkas. Brasil, ECA-USP, 2001. 28min. Color.

GUIMARÃES, Cao. **Andarilho** [Filme-documentário] Direção: Cao Guimarães. Brasil, 2007. 80min. Color.

IÑÁRRITU, Alejandro González. Amores Perros [Filme – longa-metragem] Direção: Alejandro González Iñárritu. México, 2000. 153min. Color.

PRADO, Marcos. **Estamira** – tudo que é imaginário tem, existe, é. Direção: Marcos Prado. Brasil, 2006. 121min. Color e P&B.

Audio-Entrevistas

GRINGO. Depoimento [Abril, 2012]. Entrevistadoras: Ana Maria H. Preve, Carolina D. Schulze. Florianópolis, SC: Complexo Penitenciário, 2012. Áudio digital.

Fotografias:

Estamira (Frames do documentário de Marcos Prado)

Ilustrações

Ilustradora Henn Kim. Disponíveis em: <https://www.hennkim.com/>

